

Composição da Comissão de Urbanização, Transporte e Habitação – CUTHAB



Giovani
Culau e
Coletivo



Cassiá
Carpes



Jessé
Sangalli



José
Freitas



Karen
Santos



Pablo
Melo

025ª CUTHAB 12JUL2024

Pauta: Situação dos bairros Guarujá e Serraria pós-enchente.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU e COLETIVO (PCdoB): (18h55min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação – CUTHAB. Boa noite a todas e todos. Gente, eu sei que a sexta-feira está fria, quero agradecer a presença. Meu nome é Giovani Culau, sou vereador em primeiro mandato, assumi, diga-se de passagem, o mandato recentemente na Câmara Municipal, há pouco mais de um ano. Me criei aqui no Extremo-Sul de Porto Alegre, no bairro vizinho, aqui no bairro Ponta Grossa. Neste ano, estou na presidência da Comissão de Urbanização, Transportes e Habitação, a nossa CUTHAB, que hoje está reunida aqui extraordinariamente. Está aqui ao meu lado a Ver.^a Karen Santos. Vocês conhecem bem a Ver.^a Karen, depois ela vai ter oportunidade de também se apresentar e dialogar com vocês. Quero, de imediato, chamar as representações do governo que estão presentes para esse nosso debate, para a nossa audiência. Primeiro, vou chamar o Marcelo, que é secretário adjunto da Secretaria Municipal de Habitação. Quero te agradecer, Marcelo, pela presença. Vou chamar também a Isabel Costa, que é diretora do DMAE, que representa o departamento na nossa audiência. Bem-vinda e obrigado, Isabel. Vou também chamar o Lucas Vasconcellos, que é secretário adjunto da Secretaria Municipal

de Desenvolvimento Social, ou seja, dá conta das questões de assistência da cidade. A gente tem aqui o DMAE, representando o governo; a Secretaria de Habitação e também a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social. Feita a composição da nossa Mesa, feitas as apresentações, eu queria compartilhar com vocês, e vocês sabem melhor do que eu, as razões pelas quais a gente convocou essa reunião aqui hoje. Faz mais de dois meses que teve início, aqui na nossa cidade e no Rio Grande do Sul, a maior tragédia climática ambiental, e eu considero também uma tragédia política e social da nossa história. Vocês, aqui no Guarujá e na Serraria, sentiram na pele o que significou e o que tem sido essa tragédia. Porque vocês também tiveram as suas casas alagadas, e a gente sabe o quão duro é para quem luta uma vida inteira para conquistar o que tem dentro de casa e ver a água chegar, tomar conta das nossas casas, e, muitas vezes, perder tudo ou quase tudo que se lutou uma vida para conquistar. Mas vocês também sentiram aqui, Karen, situações de pessoas que ficaram ilhadas por não conseguirem sair das suas casas, justamente fruto dos alagamentos. Vocês também sofreram com a situação dos resíduos, dos entulhos. Passados mais de dois meses dessa tragédia, há duas semanas, enquanto em muitos lugares a água tinha baixado, vocês mais uma vez eram o motivo das notícias dos jornais em Porto Alegre. Enquanto a água tinha baixado em vários pontos da cidade, aqui, mais uma vez, vocês sofreram com a elevação do nível do Guaíba, e, mais uma vez, as ruas e as casas de vocês ficaram alagadas. Diante de tudo isso, gente, por que eu, a Karen, vereadores, a Comissão estamos aqui hoje? Porque nós não queremos que a situação de vocês caia no esquecimento. Que a gente possa ter, ao trazer a Câmara Municipal para a comunidade, porque a gente sabe o quão é difícil acessar a Câmara Municipal, a maior parte das pessoas nunca foi na Câmara. Então, o que a gente tem feito? Trazido a Câmara para a comunidade. Há duas semanas, a gente estava lá na Ponta Grossa tratando sobre a situação da interrupção, do risco da interrupção das lotações Restinga e Belém Novo. Hoje a gente está aqui com qual objetivo? A gente vai ouvir cinco moradores aqui da região que foram previamente inscritos. O que eu quero pedir para cada morador e cada moradora é que tente, o máximo possível,

ser objetivo e objetiva. Dizendo o quê? Qual é a situação de vocês hoje? Qual é a demanda que vocês têm hoje? Quais são as principais necessidades? A limpeza aconteceu, não aconteceu? Como é que está a situação de moradia e de habitação? Como que está a situação de vocês do auxílio reconstrução? Enfim, a gente quer sair daqui entendendo, hoje, dia 12, qual é a situação que vocês têm enfrentado. Quais são as principais reivindicações, para que a partir da fala de vocês a gente possa ouvir as representações do governo e conseguir garantir os nossos encaminhamentos. Como que a gente, enquanto Câmara de Vereadores, cumpre o nosso papel de fiscalização, e de ser, ao lado de vocês, a voz da comunidade também. Para encerrar, gente, eu sempre fico muito feliz quando a gente traz a Câmara para a comunidade. Sei que vocês nutrem uma indignação enorme, porque a política geralmente chega na comunidade só no período da eleição. O que a gente quer poder fazer aqui é o quê? Que a comunidade tenha voz, que a comunidade tenha oportunidade de ser ouvida, e que a gente possa cumprir o nosso papel, enquanto vereadores, como eu disse antes, fiscalizando, acompanhando a luta ao lado de vocês, para que a gente assegure com que os nossos direitos sejam garantidos. Mais uma vez, boa noite, muito obrigado, gente, pela presença de todo mundo. Contem com a gente, contem com a CUTHAB, estamos junto na luta. Quero chamar aqui os primeiros cinco inscritos da comunidade para fazerem suas manifestações. A primeira inscrita é a Fernanda Vasconcelos. Depois, será o Sr. Carlos Eloi, mais conhecido como Seu Xuxu. Mais uma vez, gente, antes mesmo das falas começarem, Karen, vi que o microfone já está ali, é natural que na comunidade tenha divergência, em cada comunidade que a gente vai, cada comunidade tem as suas divergências. Mas eu entendo que o melhor para a comunidade, neste momento, é o quê? Colocarmos no centro quais são as reivindicações, quais são os problemas. A gente precisa se concentrar, neste momento, no quê? Enfrentar os problemas que vocês têm vivido. As divergências, a gente precisa tratar, mas eu peço que a gente tenha, neste momento, unidade para colocar no centro as demandas da comunidade. Mais uma vez, muito obrigado. Fernanda, a palavra está contigo.

SRA. FERNANDA VASCONCELOS: Tudo bom, gente? Eu moro na Av. Guaíba. Eu tenho feito, desde o começo da enchente, muita ajuda junto com a Joice, pessoas da comunidade que conseguiram, como a Ana Clara, contato com deputado, contato com vereador. A gente está tendo bastante doações através desses deputados, através do Giovani, que graças a Deus conseguiu dar um apoio para a gente, a atenção deles também hoje para estarem aqui. A Marisa foi uma pessoa que conseguiu também uma reunião com o Melo, para a gente apontar as nossas queixas. Na nossa reunião, a gente fez um monte de pedidos, algumas coisas que foram atendidas, como a limpeza dos pátios que está sendo efetuada gradativamente. E o que mais que a gente teve lá? Os nossos auxílios estão sendo consultados novamente. Quem botou o CPF está sendo consultado, estão sendo atualizados os dados, já vai ser finalizada a inscrição para o Registro Unificado. Descobrimos também, agora, as doações através do Registro Unificado, precisamos muito de um ponto de coleta dessas doações aqui na Zona Sul, porque temos ali no Orfanotrófio e Zona Norte, e não temos nenhum ponto aqui na Zona Sul. Essa é uma coisa que precisamos urgentemente, porque estão dando cesta básica, colchão, tem bastante coisa que temos direito e não temos como conseguir ir até lá e buscar essas coisas. Eu preciso de uma resposta se a gente tem alguma condição disso. Hoje também a gente vem reivindicar algumas coisas que a gente não tem muita informação, por exemplo, a documentação que foi perdida pelas pessoas. Teve aqueles mutirões, mas acabou, e aí tem muita gente que ainda ficou sem documento e a gente precisava que isso fosse isento: se vai ter alguma isenção ainda, se é liberada essa isenção ou não. Para a nossa rua, a gente precisa da limpeza dos nossos valões. Hoje até estive um caminhão lá fazendo uma limpeza rápida, mas não tirou o lixo, não tirou grama, esse tipo de coisa para ter uma boa escoação. Ainda falando sobre o esgoto, a água já baixou um pouco, poderiam começar a limpeza dos esgotos, que a gente está assim atulhado, a Rua está muito podre, tem muito barro. A gente precisava de uma contenção nesses valões, porque está descendo coisa de cima para dentro do Guaíba, que

nem tem lá no Praia de Belas, eu acho que é uma ótima opção de a gente ter aqui também nos nossos valões. No ano passado, o DEP foi nas casas das pessoas, regularizou o esgoto, só que teve muitas casas que, da parte de trás, não foi regularizado, porque era mais baixo do que a rua, então, não foi possível fazer o encanamento e mandar esse esgoto para frente. Isso é um ponto muito importante, porque isso acaba poluindo mais o Guaíba, enchendo mais o Guaíba, sendo que tinha que passar pela rede de esgoto e ser limpo. A gente está desassistido nessa parte, desde o ano passado.

Outros pontos que a gente anotou, a nossa segurança. Eu sei que o órgão responsável da segurança não está aqui, mas a gente está sendo muito furtado, estão roubando tudo que restou das nossas casas, fios, geladeira, motor, todos os dias tem alguma reclamação, algum furto. A gente precisa de policiamento na rua, câmeras, com o que puderem ajudar a gente. Depois disso, a gente precisa muito da repavimentação da rua, porque, com a chuva, com o alagamento, abriram buracos, teve o esgoto que foi quebrado, tem ruas que são mais baixas do que o Guaíba, como a Jacipuía, que é uma Rua que fica alagada a cada vez que chove. E a gente precisa de um órgão que seja responsabilizado por isso, para arrumar essas ruas, não sei, botar o asfalto, ou aumentar a calçada, aumentar as coisas, porque está demais, a gente está com água até em cima. Se chove, inunda tudo.

A limpeza do rio Guaíba. A gente sabe que não vai ser dragada a areia, porque o Melo falou que não vai ser dragado, mas a gente precisa tirar os destroços da beira do rio, a areia que está em excesso, muita areia. Aquilo ali, cada vez que chover, vai entrar para dentro da nossa casa, vai bater no esgoto, vai dar problema. A gente tem o problema dos postes também, tem algumas ruas que estão com os postes antigos, de madeira, que estão quebrando, está tendo uma queda muito grande de luz toda hora, em todas as casas, podendo queimar os eletrodomésticos das pessoas. A gente precisa ver esses postes, ver a energia elétrica, porque, para cobrar, a CEEE quer cobrar, agora, para arrumar o que está sendo pedido, não teve nenhum retorno. Trocaram os relógios da avenida Guaíba, começaram a trocar os relógios, só que alguns estão desregularizados,

outros não, eles não conseguem dizer quanto que vai vir nessa conta, o que vai vir, que dia vai vir, não temos essa informação também. E a gente precisa muito, muito, muito, de doações, a gente está esquecido há muito tempo. Serraria é um ponto que ganhou bastante doações, a gente ali do Guarujá, da Vila Santina, a gente recebeu apoio da ONG, da Joice, do Projeto Compartilhando Amor, tirando isso, foram poucas pessoas que ajudaram a gente. A Cufa incluiu a gente na doação da Serraria, a Defesa Civil fez doações para moradores da Vila Santina, uma vez.

(Manifestações paralelas fora do microfone. Inaudíveis.)

SRA. FERNANDA VASCONCELOS: O Kirion, do Movimento Black, a gente foi num galpão, selecionou coisas, roupas, produtos de limpeza, água, ele também levou água e cesta básica, produtos de higiene para nós, que foi distribuído para quem não pegou da Defesa Civil. A gente foi dividindo, conforme dava, tudo no meu pátio. Já estamos com pouca doação, inclusive não tem quase nada de água, tem bastante gente pedindo água, e roupas de inverno a gente não está ganhando, não está tendo doação de roupa de inverno, e precisamos muito, porque está todo mundo sem roupa.

A gente precisava muito da isenção da luz com a Equatorial, só que o Melo falou que ele senta com eles para conversar e nunca sai nada. A água está isenta durante três meses, mas a luz não, e a gente precisa muito lutar para a nossa isenção da luz, porque a gente lavou a casa com lava-jato, a gente gastou demais e isso vai vir depois, e a gente não vai ter condições de pagar, nem parcelado, nem como eles querem. A gente precisa de um órgão que pressione eles, que conversem com eles para conseguir uma isenção sobre isso.

É isso, gente, precisamos de ajuda. Eu estou abrindo uma chapa para fazer a nossa associação da Vila Santina, estamos esquecidos pela Associação do Guarujá. Então, vou abrir uma chamada, vamos fazer a nossa chapa e vamos apresentar, porque a gente precisa de um CNPJ para exigir as coisas do governo e das empresas interessadas. É isso.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Fernanda. Registro a presença do Ver. Jonas Reis, que se soma aqui também na nossa reunião da CUTHAB. Queria te pedir, Fernanda, tu disseste que tinha uma listinha, se tu puderes mandar no WhatsApp a listinha que tu falaste, para a gente tentar organizar os encaminhamentos, e vai me ajudar.

Registro a presença do Sr. Marcelo Dias, que representa o mandato da deputada estadual, Bruna Rodrigues.

O Sr. Carlos Elói Ribeiro, mais conhecido como Seu Xuxu, está com a palavra.

SR. CARLOS ELÓI RIBEIRO: Boa noite à Mesa, é um prazer, meu nome é Carlos, como o Giovani falou, tenho um apelido carinhoso que ganhei há 40 anos, de Xuxu. A Fernanda falou tudo, mas eu quero simplificar. Eu convidei vários vereadores, porque eu penso assim, hoje nós estamos numa situação de dar as mão com a nossa Câmara de Vereadores, eles têm que vim a nós. Nós votamos neles, dependendo de votar no Giovani, de votar no Nedel, de votar no Gilson Padeiro, de votar no Freitas, de votar no Delegado Cleiton, de votar no Vitorino. Nós queremos eles. Eles são a nossa bandeira. Eles têm que nos ajudar. Eles têm que nos olhar, que nem a Vila Santino. Eu moro no seco, eu moro bem, graças a Deus, a água não foi lá, mas ali na vila Santino não tem mais nada. Eles não têm mais nada, nada, nada. Não tem nada. Quem caminhar ali, ou quem encaminharam, o Giovani caminhou, mais outras instituições caminharam, eles sabem que eles não têm nada. A minha ideia, junto com essa menina aí – e eu te parablenzo pela tua luta –, ela extraiu um dente essa semana, e estava com o rosto desse tamanho assim, mas na luta: fazer um *kit* reconstrução, ou chamado *kit* de crise. Lá no Vitorino, uma um comitê de crise, ali na Fernanda, um comitê de crise. Como? Se eu quero doar dois sacos de cimento, ou um que eu possa doar, eu vou na casa do Pedro e olho lá no Pedro – Fernanda, aquele cara lá eu posso doar um metro de areia, dois sacos de cimento, 2 mil tijolos –, esse pedido sai da madeireira para o Pedro, porque, se eu botar num lugar lá, para aqueles desgranidos atravessarem, eles vão vender.

Tem esse tipo de gente na nossa situação. Estão vendendo, como aconteceu nos acampamentos, desviando coisas, fazendo politicagem na hora ruim da nossa vida; então, queria não me estender, dizer aos nossos vereadores, dependendo de partido. Eu tenho meu partido, eu tenho meu vereador, como todos têm. Nessa hora o Rio Grande do Sul chora, é gente perdida, gente sem casa, sem ter o que comer. Ali tem um velho, ali, desculpe, esse ali, 70 e poucos ano, tinha a casinha dele; hoje está sem nada. Vai construir de que jeito? Como é que ele vai construir a casa, como, se ele não consegue levantar um tijolo, nem um balde de água? Então, meu vereador, a todos os vereadores da Câmara de Vereadores, os que não estão aqui e os que estão, Gilson Padeiro, os que estão aqui, deem as mãos, lá dentro da Câmara de Vereadores, vamos ajudar esse povo, vamos nos construir de novo, que eles não têm mais nada, vamos nos colocar no lugar deles. Eu tenho um salário de R\$ 2 mil por mês, eu tenho esse salário. Vamos... Aquele senhor ali, que eu tenho a liberdade de falar, ele vai ter que se alimentar, pagar luz, pagar água e construir a casa de novo; como, se nós não ajudarmos? Então Fernanda, como eu te disse, eu estou contigo, talvez não possa fazer quase nada, mas se puder ajudar com um saco de cimento para aquela pessoa que está terminando ou recomeçando a sua casa, estou junto; também, vereador, quero agradecer a presença de vocês. A nossa casa está de porta aberta, principalmente agradecer ao nosso patrão do CTG; Fraga, Josué, você – acompanho você trabalhando há mais de 2 anos aqui, depois que tu largas do serviço, pregando um prego, arrumando uma telha, para que esteja aberto para nossa comunidade discutir o nosso problema. Pessoal, venham quando são chamados, vamos discutir com o governo, principalmente com a Câmara de Vereadores, vamos chamar eles que eles vêm, olhe como vieram, aqui temos cinco vereadores, vão nos ajudar, independentemente de partido. Então, estou muito feliz, quero agradecer a todos que vieram. Muito obrigado e vamos à luta, Fernanda.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, seu Chuchu; também reforço o agradecimento ao patrão do CTG, por abrir as portas

aqui do Roda de Chimarrão para gente poder fazer essa audiência da CUTHAB. Chamo agora a Sra. Ana Maria; na sequência, a Sra. Joice Ramos. Registro a chegada do Ver. Gilson Padeiro. Muito obrigado, vereador.

SRA. ANA MARIA LAMBERT DE OLIVEIRA: Boa noite a todos, aos componentes da Mesa, boa noite aos moradores. A Fernanda realmente falou, falou tudo. Havíamos feito uma lista das exigências; exigências, não, do que a gente precisaria. O bairro Guarujá realmente foi esquecido; outros bairros que tiveram visibilidade na mídia ganharam, foram atendidos com muitas solicitações; nós começamos agora a aparecer na mídia, há pouco tempo. Agora é que vai começar a normalizar a vida da gente. As outras pessoas já estão com suas casas boas, seus móveis, sua vida normal. O nosso bairro; a gente, passando pelas ruas, independentemente de ser a vila Santina, a Av. Guarujá, a Rua dos Guenoas, a gente passa, e as casas ainda estão desarrumadas, móveis pela frente, casas abandonadas pelos moradores, porque não tem como voltar. A Rua Jacipuia, essa semana que os moradores voltaram, retornaram, alguns, não todos, porque não tem como voltar; a Rua Oiampi também, porque ela dá junto ali... Na Rua dos Guenoas, ontem, um caminhão caiu num buraco, entre a Rua dos Guenoas e a Rua Jacipuia, por quê? Porque a água que ficou ali escoou toda a terra do paralelepípedo; então, está ruim de caminhar, está ruim de passar carro. Os carros podem quebrar. O caminhão provavelmente quebrou, tinha um guincho para pegar o caminhão ali; então como é que os carros vão passar ali, não tem como. Então, tudo isso a gente está precisando, além de doações. As pessoas precisam de móveis, eletrodomésticos. A cesta básica é ótima, a comida, a água, material de limpeza, maravilha, mas e quem perdeu geladeira, quem perdeu fogão, quem perdeu sua cama, onde é que estão dormindo, no chão, em cima de *pallet*, cozinhando como? E como é que essas pessoas vão conseguir reconstruir suas vidas porque, assim, mesmo quem tinha condições de ter uma casa bonita, de ter uma casa confortável, perdeu; essas pessoas todas tiveram um tempo da sua vida para conseguir tudo que elas tinham; em um mês de enchente foi perdido tudo, gente, tudo, o que levou anos

para se construir, porque todos aqui demoraram muito tempo para ter as suas casas, muito tempo. E em um mês foi tudo por água abaixo; como é que agora, com a idade de 86 daquele senhor, com a idade de 50, 60, 20 vão começar do zero. Precisamos de ajuda. Ah, comprar parcelado, beleza, mas vão conseguir comprar tudo que se perdeu? Como é que vai ir a uma loja, precisando de fogão, geladeira, cama, armário, cozinha, guarda roupa, e aí como é que vai pagar esse parcelamento? Não tem como; então, nós precisamos também desta ajuda, material de construção – perderam portas, perderam janelas, caíram paredes, precisa de material de construção, mas precisa de móveis e de eletrodomésticos, muito. Então, assim, talvez os empresários tenham que fazer uma ajuda para essas pessoas. Então, é isso, gente, eu acho que o que a Fernanda falou é perfeito; precisamos de ajuda de todo mundo. Boa noite a todos.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado; então quero chamar agora a Sra. Joice Ramos; na sequência, Sra. Elise, lembrando aos vereadores aqui ao lado que a qualquer momento a oportunidade de fala está garantida a vocês.

SRA. JOICE RAMOS: Sou fundadora do Projeto Compartilhando Amor POA; estou, desde o dia 02 de maio, junto com o pessoal da vila Santana; diante de tal tragédia que aconteceu, desde então – eu não fui atingida, gente, em aspecto nenhum – não tivemos visita de nenhum vereador, nenhum político. A única ajuda que a gente teve foi da televisão Record, da Gaúcha, fomos ouvidos e recebemos doações, diversas, através do projeto, através de particulares; todas as doações foram repassadas para todos os moradores da vila Santana, tivemos cadastros e tudo. Gostaria de agradecer ao prefeito Melo que teve uma reunião conosco, está atendendo os pedidos dos moradores, que é a limpeza dos pátios, limpeza de bueiros em alguns pontos, onde podem ser limpos, porque estão acima do nível do Guaíba; aos vereadores que estão aqui, espero, do fundo do coração, que isto não seja só mais uma reunião, que não saiam daqui e esqueçam do povo, porque a gente está cansado disso, a gente está cansado

de pedir uma cesta básica e dizerem para nós que vão arrumar e nunca mais ligarem; a gente está cansado de ligar para a Prefeitura, de ligar para isso, de ligar para aquilo, e ninguém nos atender. Mas é bonita esta reunião que está sendo feita aqui, espero do fundo do coração que o pedido dos moradores da Vila Santina seja atendido, porque a única coisa que eles precisam hoje em dia é de dignidade para voltar para casa, é dos benefícios que muitos não estão recebendo; mas é isso, eu não vou salientar mais nada, porque a Fernanda já falou, a Ana já falou, o Xuxu já falou, não vou estar tomando tempo, mas eu gostaria que cada vereador que está aqui hoje tenha palavra e realmente cumpra com o combinado depois de sair daqui. Obrigada.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Joice. Eu acho que a tua fala é muito importante e ela revela um sentimento que não é só teu, o sentimento de frustração, inclusive com a política, é generalizado. Eu sou uma pessoa que faz política de forma muito transparente, apesar de estar no início da minha caminhada; então, nessa curta caminhada que tenho, esse é um compromisso que tenho, o de fazer política de forma muito transparente. E por que eu digo isso? Nós precisamos, todo mundo, compreender o que nós estamos fazendo aqui. Nós estamos em uma reunião, em uma audiência de uma comissão da Câmara Municipal, e, como eu disse no início, é um movimento de trazer a Câmara para a comunidade. E a gente tem aqui vereadores e a Ver.^a Karen e as representações do Executivo. Da minha parte, tu podes ter certeza absoluta que, a partir do momento em que eu recebi um chamado para estar aqui com vocês, eu vim, me posicionei ao lado da comunidade, e fizemos uma movimentação coletiva de trazer a Câmara para cá. Eu estarei ao lado de vocês, e acredito que todos os vereadores, juntos na batalha e nas reivindicações da comunidade. Agora, eu não posso aqui dizer para vocês, porque daí eu estaria alimentando as frustrações, que eu resolverei tudo o que está sendo colocado aqui, até porque eu sou vereador, sou do Legislativo, meu papel é fiscalizar e ser representante da comunidade; mas, ao lado de vocês, eu quero fazer as cobranças necessárias, não só ao governo municipal, que está aqui na Mesa,

mas também ao governo federal, ao governo estadual, que são o Poder Executivo, quem tem a caneta na mão e também a chave no cofre, o poder de decisão. Então eu só faço isso porque é importante que a gente coloque as questões tais como elas são, eu não vim aqui me pretender um salvador da Pátria, alguém que vai resolver tudo aquilo que não foi resolvido até aqui, porque, se eu falasse isso, eu estaria sendo injusto, Joice, então eu acolho tudo o que o tu falaste, inclusive acho que a comunidade precisa fazer as críticas em lugares como este. A gente está aqui para ouvir mesmo, para ser cobrado, porque a cobrança faz parte da luta, é um direito da comunidade. E, se a gente está aqui, é porque a gente está à disposição de ouvir tudo, inclusive o que tu vieste nos dizer. Então muito obrigado, quero te agradecer. Dito isso, agora é a Elise; depois, o Barros.

SRA. ELISE RENCH: Boa noite, gente. Eu acredito que, se eu não falei com a maioria, porque eu venho colocar a palavra pela Vila Santina, que faz parte do bairro, que também faz parte do Guarujá, e eu acredito que, se eu não falei com todos da Vila Santina, em grupo ou no particular... Eu falei com todos, ou em grupo ou no particular. Foi uma semana extremamente cansativa, e eu ia ceder minha palavra, até porque a Fernanda pontuou muito bem o que a gente ainda precisa. E, por isso, eu não vou me direcionar a vocês, eu vou me direcionar à Mesa. Foi uma semana extremamente cansativa, desde a reunião com o Melo; ele nos disponibilizou a limpeza dos terrenos, que está sendo feita, muito, muito, muito, com uma ajuda gigantesca, que eu sei que ultrapassa o que eles deveriam fazer. Eu sei que eles estão se dedicando a mais para fazer isso. Deixo o nosso agradecimento. Eu vou agradecer porque, quando faz parte de um trabalho do Município ou de algum órgão, a gente sabe que é o trabalho deles, mas, nesse caso, é mais do que o trabalho deles. Pena que o Edmilson não está aqui, mas é um agradecimento ao Edmilson, que foi quem o Melo disponibilizou para a gente conversar. Desde então, o Melo também nos disponibilizou o DEMHAB para ver a estadia solidária, e isso foi feito 24 horas por dia, a semana inteira, eu chamando cada um ou no grupo, eu me dediquei inteiramente a isso. Também

os cadastros; os que estão aqui que não tinham dado andamento aos auxílios, agora foi dado. Então isso também foi um encaminhamento, através da Adriana, que o Melo disponibilizou na reunião para a gente. A Adriana estava incansável até hoje, às 18h, 24 horas comigo, chamando o pessoal e tocando os cadastros. Todos perceberam isso, no domingo e na segunda, porque não foi milagre, gente, foi a gente trabalhando 24 horas para isso. Então foi uma semana cansativa, a gente organizando o DMLU, eu e o Edmilson corremos a semana inteira também. Enquanto a Fernanda estava correndo com as doações, eu estava correndo com o que o Melo disponibilizou para a gente. Então eu ia ceder a palavra para as gurias justamente por isso, porque elas estão pontuando o que ainda falta. Eu não vou pontuar o que falta, mas eu vou concordar com a Ana, que a mídia chegou há pouco, vocês chegaram há pouco, vocês tomaram conhecimento há pouco. Enquanto se falava muito em Humaitá, Sarandi e Canoas, no Guarujá não foi falado. Nós estamos com água ainda em alguns pontos, então, realmente, demorou para chegar; mas que bom que chegou – antes tarde do que mais tarde. E a gente pede aos órgãos que estão aqui; infelizmente, outros não estão, mas a gente está conseguindo acesso; então a gente vai pedir e a gente vai cobrar também... A gente tem problemas com o DMAE que não se consegue resolver.

E outra coisa que eu queria pontuar, que não foi dita: eu, por exemplo, saí de casa em setembro, porque isso começou em setembro; eu perdi tudo em setembro e não pude retornar para casa. Todo mundo aqui, grande parte, perdeu tudo em setembro; em janeiro, veio outra, que destelhou todo mundo que faltava; e, agora, em maio, veio a pior, que derrubou. Eu fiquei sem um tijolo na minha casa, acabou a minha casa inteira, fiquei sem uma parede, sem nada. Então a gente vem da terceira ou quarta enchente, não foi a primeira, para chegar alguém aqui. Então a gente está esperando alguém chegar desde setembro, não foi agora. Eu, particularmente, tenho um problema com o DMAE que eu não consigo... Eles estão me cobrando água desde setembro, mas isso é um problema pessoal meu, eu vim falar por todos. Então, assim, a gente se desdobrou a semana toda até acabar o auxílio, hoje, às 18h, que foi quando

acabaram os cadastros. Pessoal, queria dizer que eu dei uma informação errada, os cadastros terminaram, mas ainda pode editar, então, quem tiver problema, me chama, porque a gente vai conseguir editar; acabou a inscrição. Eu falei isso no grupo, mas falei erroneamente, então vou falar, porque atinge todo mundo. Então eu quero pedir, sim, porque antes tarde do que mais tarde – que bom que vocês vieram –, que permaneçam, porque tem muita coisa para fazer. A gente está começando agora, enquanto muita gente está tocando a vida já, e a gente não conseguiu tocar a vida. Então que venham, que permaneçam e que venham mais, que venham outros órgãos e mais e mais. Muito obrigada por estarem aqui, viu?

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Elise. Agora, é o Barros; depois, nós vamos ter as últimas duas falas antes de a gente retomar aqui para a Mesa para conseguir dar os encaminhamentos. Então, Barros; depois, Francisco; e vamos ouvir também o Vitorino.

SR. JOSÉ PAULO BARROS: Boa noite a todos. O meu nome é Barros, sou presidente da Associação aqui do Guarujá e queria primeiro, antes de criticar, elogiar a comissão por ter se disponibilizado; elogiar os vereadores presentes; elogiar a Prefeitura que mandou também seus representantes e dizer pra vocês que não, o Poder Público está de costas pro Guarujá, está olhando de costas, não atendendo às necessidades mais básicas aqui da comunidade. A Rua Jacipuaia, por exemplo, antes que eu esqueça, até ontem, anteontem, tinha lodo, tinha água, não dava nem pra passar, e nós gastamos saliva pedindo pra Prefeitura, fazendo 156, indo lá pra que dê um jeito, e infelizmente não foi dado. Então eu respeito as falas aqui, mas tenho que dizer que realmente o Guarujá e entorno, Serraria, estão muito desassistidos, estão desassistidos pela Prefeitura, pelo serviço da Prefeitura. Eu queria já solicitar que a gente saia daqui com alguns encaminhamentos, com algumas coisas efetivas, porque vir a uma reunião e depois as coisas não andarem... Então eu peço desde já que a CUTHAB marque um tempo para dar uma resposta para a comunidade do que

efetivamente está sendo feito. E aí eu já não falo tanto o que a Fernanda e outros falaram, no sentido pós enchente em que as pessoas não têm um colchão, não têm uma cama, enfim uma série de coisas, mas eu vou mais a fundo, eu quero falar na prevenção, para que nada mais disso aconteça. Então nós temos que trabalhar com medidas efetivas, não só aquelas medidas que enchem linguiça, digamos assim. Nós temos que desassorear, e não adianta dizer que não tem dinheiro, porque o dinheiro existe, basta apenas colocar no seu devido lugar. Desassoreamento, levantamento de algumas ruas, como a Rua Jacipuaia, a Oiampi também. (Palmas.) Aliás, antes que eu esqueça, estou dizendo para a comunidade que eu estou aqui com um abaixo assinado. Eu respeito o trabalho da CUTHAB, e nós vamos dar todo apoio a vocês, assim como vocês estão dando pra nós, mas eu estou aqui com o abaixo assinado da comunidade para levar para o Ministério Público essa questão de prevenção para que não aconteçam mais esses problemas tanto na Serraria como no Guarujá, porque um pouco antes dessa última enchente agora, que começou há dois meses e meio, eu tinha feito um abaixo assinado pra levar ao Ministério Público pra saber de quem era a responsabilidade de comprar bomba, de comprar gerador; mas aí veio a enchente em seguida, eu tive que parar, então vou pedir depois o apoio da comunidade pra gente levar isso aí. Só que assim, pessoal, é muito interessante, muito bonito virmos aqui falar, mas me chamou atenção uma fala sua, o senhor é presidente da CUTHAB... Como é seu nome? (Pausa.) Desculpa, seu Giovani, o senhor falou, e eu conheço bem porque eu perdi também. Eu moro a 30, 40 metros do Guaíba, efetivamente, e no andar de baixo eu perdi tudo, perdi tudo! Mas a gente ainda tem alguma condição, e tem gente que infelizmente não tem como reaver seus bens. Então o senhor me chamou atenção, o senhor falou que o Legislativo tem que fiscalizar. Não seria o caso dos senhores, como vereadores, como Câmara de Vereadores, ter feito uma fiscalização antes, durante todo o ano, durante o mandato, para ver se as bombas estavam funcionando ou não? Então eu sinceramente quero dizer que o nosso Legislativo também, atualmente, tá deixando a desejar nesse aspecto, porque os senhores poderiam e deveriam, tinham a obrigação de fazer uma

fiscalização para ver quantas bombas estavam funcionando. (Palmas.) Porque se as bombas estivessem funcionando, as coisas poderiam ser diferentes. Não digo que não ia acontecer a enchente, não ia ter problemas, mas poderia ser diferente, poderia ser minimizada. Mas de qualquer forma eu queria também, como eu já falei, sair com alguns encaminhamentos. No final eu gostaria que os senhores dissessem aqui “vai ser feito isso, isso e aquilo”. A sugestão de ver se nós temos, por exemplo, na Rua Oiampi e na Rua Jacipuia o esgoto pluvial e aquele outro esgoto ali que eu não recordo o nome agora – cloacal –, porque ali na Cavahada o pessoal do DMAE, numa certa época foi lá e não tinha, nem eles sabiam que não tinha. Então nós temos que ver como estão as ruas do Guarujá, verificar isso aí pra que realmente, se porventura um dia acontecer de novo uma enchente nesses moldes, a coisa não seja tão ruim como foi nessa aqui agora, *ok?* Então, pessoal, eu vou passar o abaixo assinado, isso aqui não é uma afronta aos senhores, ao trabalho dos senhores, mas sim pra gente levar em audiência ao Ministério Público, onde eu solicito que eles chamem todo o pessoal da Prefeitura que possa ter alguma responsabilidade nesse caso para que a gente, efetivamente, faça encaminhamento de alguma melhoria pro bairro. Obrigado. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Barros, pela tua fala. Inclusive me somo em muitos aspectos dela; cada vereador aqui pode dar a sua impressão, mas por exemplo, Barros, no final do ano passado nós discutimos o orçamento na Câmara. Eu fui autor, por exemplo, de uma emenda que garantia a ampliação de recursos justamente na manutenção das bombas, do cuidado com os diques e do cuidado com as comportas na nossa cidade, porque a gente viu, e vocês falavam aqui que a gente teve evento climático no ano passado, a gente teve em setembro, a gente teve em junho, e eu sou de um time...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Em janeiro desse ano também, mas eu estou falando dos eventos do ano passado, Ana, porque eu sou de um time que acha que a gente não aprendeu as lições que a gente deveria ter aprendido. Eu, por exemplo, apresentei essa emenda por essas razões; infelizmente a emenda que eu apresentei foi rejeitada. Então cada vereador aqui pode apresentar a sua impressão, mas da minha parte tenho feito e tenho me dedicado muito a acompanhar esse tema e cumprir o meu papel de fiscalização, e é por já ter estado aqui que essa reunião da CUTHAB é um desdobramento dos esforços que fiz de estar ao lado da comunidade e cumprir o meu papel de fiscalização. E ao teu lado agora e de toda a comunidade aqui vamos fazer esse esforço de, juntos, apesar das divergências que nós podemos ter, que são naturais, a gente seguir a luta aqui em defesa da comunidade. Então muito obrigado, Barros. Só acho que era importante fazer esses registros. Com a palavra o Sr. Francisco.

SR. FRANCISCO HORNOS DIAS: Boa noite, pessoal da Mesa, público presente, meu nome é Francisco Dias, eu sou morador da Rua Jacipuia e gostaria de falar. Não vou falar a todos aqui sobre as ações e sobre o que todos já agradeceram ou criticaram, seria redundância, mas eu gostaria de falar principalmente à Mesa e às autoridades da Prefeitura que estão presentes a respeito de um problema que me parece que não é mencionado e não é citado em nenhuma reportagem feita pelos meios de comunicação e também pelos presentes aqui: na Rua Jacipuia, assim como todo o restante do bairro Guarujá – eu acredito que o seu Barros que é presidente da associação deva saber disso –, não existe esgoto sanitário independente do esgoto pluvial. Eu não sei se os vereadores sabem disso, porque quando sai água dos bueiros, quando o Guaíba enche, quando há uma chuva torrencial e desce água do morro em direção à Jacipuia, desce pela Rua Murá, desce pela avenida, paralela à Jacipuia, a Criciúma, quando desce água pela Criciúma, não desce água da chuva, desce esgoto - o esgoto que que sai debaixo da terra e que se cria aquele lodo fétido no canto da calçada pelas sarjetas. Isso prova que não existe preocupação do

DMAE, ou do ex-DEP, talvez tenha havido uma preocupação, mas atualmente não existe uma preocupação com regularização do esgoto cloacal ou com uma obra de infraestrutura que faça com que não se misture o dejetos das casas, o esgoto cloacal que sai dos vasos, das pias, dos chuveiros. Isso não é separado do esgoto pluvial, tá, se me disserem que é separado, é falta de conhecimento de causa, por quê, assim que a enchente veio e a água subiu pelos bueiros e depois desceu, o que sobra pelos cantos, pelas calçadas, dentro das casas é o lodo fétido do esgoto cloacal. Não é água do rio, se fosse só água do rio haveria um limo, se fosse água da chuva, alguma areia, mas é esgoto cloacal puro que entrou em vossas casas.

Então eu rogo à mesa que tome nota disso e passe isso aos representantes do DMAE, o bairro Guarujá tem uma rede de esgoto mista, esgoto pluvial cloacal, não existe separação, e isso é fundamental. O meu avô tinha um antigo ditado, o Sandro Quevedo, aqui presente, conheceu o meu avô que dizia: dinheiro enterrado não dá voto. Então eu peço a vocês que nas próximas eleições de vereadores, busquem os seus candidatos para que eles batalhem por obras sanitárias no bairro Guarujá. Esse alagamento da Rua Jacipuia que muitos aqui viram, que a água ficou dias, na Criciúma, na Oiampi, a Oiampi foi das mais prejudicadas lá...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FRANCISCO HORNOS DIAS: Sim, a Rua Oiampi tem um nível muito baixo. O que sobrou nas calçadas? Depois que a água baixou na Oiampi? Resto de esgoto cloacal, não foi água do rio, simplesmente, vereadores e público. Moradores mais antigos que viram obras serem feitas ali, viram que os canos se misturam em alguns pontos do escoamento cloacal e do escoamento pluvial. Eu moro na Jacipuia desde 2014 e uma das primeiras coisas que eu reparei, quando fui morar ali, é que quando chovia torrencialmente a água que desce pelos bueiros do meio da Jacipuia, era para ser o esgoto sanitário cloacal, mas a gente vê que quando chove aquela água verde do meio das tampas dos bueiros. Ora,

água da chuva não era para passar por aquela tubulação, né? E pela tubulação onde é para escoar o esgoto que é para ser o esgoto pluvial, que é para ir para o arroio Guarujá, o que verte dessa tubulação também é esgoto cloacal. Então não existe separação de esgoto cloacal e pluvial pelo menos no baixo Guarujá, eu não tenho conhecimento acima, mas no baixo Guarujá não existe; e se, quando chove torrencialmente, essa água sobe aqui é por que não tem essa separação, gente. Então esse é o apelo que eu faço, nesse momento, e por ser uma questão de saúde, inclusive para os moradores, para quem reside aqui, eu acho que para mim é a questão mais importante de ser tratada, ainda mais que a gente está com de representantes do DMAE aqui. O Departamento Municipal de Água e Esgotos tem a obrigação de providenciar o esgoto, a Prefeitura fez uma obra que é uma obra muito boa que liga o esgoto da zona Norte, através do Guaíba, por uma tubulação submersa até a estação da Serraria. Nós estamos tão perto da estação da Serraria e o nosso esgoto cloacal não é jogado na Serraria, porque senão ele não saía pelos bueiros das nossas ruas, tá pessoal. Esse é o meu apelo aos vereadores e ao povo do DMAE que se encontra aqui presente. Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Francisco. O Sr. Victorino Baseggio está com a palavra.

SR. VICTORINO BASEGGIO: Boa noite, pessoal, meu nome é Victorino, falo em nome da serraria também. Obrigado aos servidores da Prefeitura, que numa sexta à noite, fria, os vereadores estarem na comunidade, a Câmara de Vereadores tem que estar na comunidade, aqui que é o lugar.

Eu queria levantar dois questionamentos que a gente não abordou muito isso hoje aqui. Eu vejo aqui a dona Eva, lá do Guarujá, da avenida Guaíba, vejo a dona Célia aqui que é lá da Vila dos Sargentos. Eu quero colocar que a Elise falou uma coisa interessante aqui, no início da fala dela, que nessa semana tiveram vários cadastramentos por estadia solidária aqui, que garante lá um valor por 12 meses de aluguel. O que eu quero pedir a esses vereadores que estão

aqui compondo essa mesa, que cobrem o governo federal, porque esses 12 meses é o prazo que vocês vão ter para receber a casa que vocês têm direito, que vocês perderam, como a dona Eva, que não tem mais nada lá na casa dela, na avenida Guaíba. Porque de nada adianta vocês receberem uma estadia solidária por 12 meses, e até agora eu não vi o governo federal comprar nenhuma casa, nenhuma para vocês, nenhuma.

Outra questão é com relação a esse auxílio reconstrução dos R\$ 5 mil. Primeiro que direta ou indiretamente todos os municípios afetados pela enchente, todas as pessoas sofreram ou perderam alguma coisa. Alguns que eram motorista de aplicativo perderam carros, gente perdeu emprego, gente que não tinha como ir trabalhar ou aqui na Vila dos Sargentos que estavam ilhados e que não tem direito aos R\$ 5 mil, porque ele é só para quem estava desabrigado ou desalojado. Vocês acham que isso é justo? Há quatro anos, quando teve a covid, foi dado seis meses de auxílio para quase todos os brasileiros, agora a gente está falando de um estado da federação que teve mais de 90% do seu território atingido e não foi garantido auxílio para todos os moradores do Rio Grande do Sul, por quê? Por que não foi dado um para cada CPF dos moradores do Rio Grande do Sul? Os vereadores podem cobrar isso, cobrem dos seus deputados, cobrem dos seus senadores, que isso chegue a Brasília, e que seja garantido o auxílio a todos. Aliás, muitas pessoas que perderam tudo, como o seu... (Ininteligível.) ...lá da Vila dos Sargentos até hoje não recebeu um centavo, porque continua em análise. E todas as pessoas que moram perto de arroios aqui de Porto Alegre, na Restinga, aqui no Capivara ou no Campo Novo, nem na mancha do governo federal estavam, a Defesa Civil solicitou e ainda não foi dado o Ok. Então a gente não tem garantia nenhuma que aqueles que perderam tudo ali perto do Capivara, vão receber esses R\$ 5 mil. A gente precisa é cobrar, por isso eu iniciei parabenizando os vereadores que estão aqui, porque eles são responsáveis, são membros fiscalizadores, como o Ver. Giovani falou, e tem que fiscalizar todas as instâncias, governo municipal, governo estadual e governo federal. Nós não podemos botar panos quentes a nada, porque até agora a gente teve muito discurso, muitos, mas pouquíssimas ou nenhuma prática.

O senhor já ganhou a sua casa? Nada. Não tem onde morar, estava procurando uma casa para alugar, ele e a esposa dele que, aliás, ficaram dois meses hospedados aqui nesse CTG. A dona Eva, a casa dela caiu uma parte lá atrás e agora caiu o resto; a senhora já ganhou alguma coisa? Nada. Então é muito discurso e pouca prática. A gente está desde o dia 01 de maio ali dentro, acompanhando o que está acontecendo, e muita da ajuda que chega aqui no Rio Grande do Sul, deve estar em algum lugar, menos nas mãos de vocês. Obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Victorino. A Sra. Rosana Aparecida Prado dos Anjos está com a palavra.

SRA. ROSANA APARECIDA PRADO DOS ANJOS: Boa noite, o meu nome é Rosana, eu sou lá da Vila dos Sargentos, bairro Serraria. O que eu queria falar é o seguinte: estou na mesma situação que vocês daqui do Guarujá. Eu sou do Serraria, só que assim: a vila lá dentro teve ajuda, mas a gente que era do começo, ali da Rua do quartel, ninguém foi ali dar uma cesta básica, perguntar se precisava de uma comida ou qualquer coisa. Eu sofri a minha maior humilhação na frente daquele quartel, eu fiquei acampada ali durante sete dias com uma criança de oito anos dentro do carro sem uma roupa, sem nada, sem um agasalho. Quem me resgatou foi o Jader, ele me tirou dali e fiquei 40 dias no CTG. A minha casa mesmo, lá dentro da vila, eu perdi. O meu companheiro perdeu tudo dentro da casa dele, porque eu tive que sair da minha que caiu para ir para a casa dele e, chegando lá, ele acabou perdendo tudo também. Ficamos sete dias acampados na frente do quartel. Cheguei a pedir ajuda para outras pessoas, entendeu? E não tive ajuda. Quem me ajudou foi morador para levar roupa para o meu filho. Aquela Rua ali embaixo foi esquecida. Todos os moradores ali, ninguém, nenhum vereador, ninguém foi ali perguntar se alguém precisava, porque falavam que a gente não fazia parte da vila. Como que a gente não faz parte da vila? Ali é o quê? Não é vila? Não é bairro Serraria? Vila dos Sargentos? Ali é tudo igual, gente. Olha só, então é uma coisa assim,

desigualdade, entendeu? Muita gente lá dentro teve ajuda, sim. Mas perguntaram ali no começo, na entrada, se alguém ali, se algum morador precisava de água e comida? Não, porque falaram que a gente não fazia parte da vila. A gente faz parte de onde?

Aí, na hora de bater no seu portão para perguntar se pode colocar coisinha de foto de vereador lá no portão, vão bater, mas é só nessa hora. Até agora, ninguém foi lá naquela Rua perguntar se a gente precisa de água, se alguém está precisando de comida. Não! Entendeu? Se não fosse o Jader me trazer para cá, eu estava onde? Na rua? É isso que eu quero que vocês vejam a desigualdade, é muita desigualdade. Eu moro numa vila, todo mundo mora numa vila, por que isso? Porque muitos tiveram e outros não tiveram nada? Nem marmitta. Se vocês soubessem a humilhação que eu tive quando eu fui naquele quartel pedir três marmittas e três garrafas de água... Sabe o que me falaram? Que eu não fazia parte da vila. O que eu estava fazendo acampada ali então? Meu filho dormindo na barraca com cobra e bicho ali. Falaram que eu tinha que entrar lá na vila para poder pegar comida. Se eu estava do lado do quartel, para que eu tinha que entrar, gente? Olha, aquela rua, o buraco que está ali daquele valão, está o esgoto podre. Eu estou ficando ali, porque eu não tenho para onde ir. Está lá o valão cheio de água. Os barros, que os caminhões tiraram o entulho de lixo, mas não tiraram os barros que estavam ali. Eu catei escorpião no quintal, cobra que estão saindo de lá do quartel e entrando, porque o quartel está cheio de mato, e ninguém limpa. Entendeu? Então é muita desigualdade para quem mora na mesma vila, e ninguém olhou por nós ali, só olhou lá para dentro. Mas eu quero que olhem para a gente ali embaixo também, porque ali também foi invadido de água. Todo mundo perdeu casa. Então é só isso que eu queria falar. Muito obrigada. Boa noite e desculpa alguma coisa. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Rosana. É importante a tua fala. Eu quero fazer uma rodada para os vereadores, antes de a gente passar para as representações do governo. Então, passar agora para o Ver. Gilson Padeiro.

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Boa noite a todos. Quero saudar aqui o presidente da CUTHAB, Giovani Culau; a Ver.^a Karen, que faz parte da CUTHAB; o Ver. Jonas Reis, que faz parte da comissão da CECE e eu, Ver. Gilson Padeiro, sou da CEFOR. Quero saudar a equipe do governo que se encontra presente, mas eu quero fazer um relato aqui de quando a Joice falou. Sou morador de Belém Novo, administro o ginásio de esportes há 12 anos e, no dia 4 de maio, eu me somei à cidade de Porto Alegre abrindo o espaço lá onde a gente acolheu 205 desabrigados, sendo 109 pessoas do Humaitá. Durante 28 dias, a gente trabalhou intensamente naquele local com abrigagem, roupa, comida e tudo. Também a gente acolheu no espaço da igreja de Belém o recebimento e a distribuição de alimentos, através do Antônio Correia, que é um cara bem conhecido no Brasil, ele conseguia as carretas para vim. A gente atendeu o Rio Grande do Sul todo. Tinha gente que buscava de carro, levava de helicóptero para todas as regiões, aqui vieram alimentos, veio alguma coisa também. Ali era um centro de distribuição, só estou...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADOR GILSON PADEIRO (PSDB): Não, aqui também. Não, deixa eu só falar. Estou dizendo que a gente se somou, e muitos vereadores fizeram isso. Só para dizer para vocês uma coisa, que a gente fez tanta boa ação, que eu fui responder ainda no Ministério Público. Eles queriam cassar o meu mandato, Lucas, por eu estar fazendo solidariedade, ser voluntário. Eu apenas era voluntário, não era vereador ali no local, porque ali a gente estava tratando as pessoas com bastante carinho, com dedicação. E, às vezes, é meio triste quando a gente tenta se doar e tem que pagar, mas continuamos até hoje trabalhando, fazendo o que a gente pode.

Eu parablenizo ao Xuxu por começar, porque foi ele que me convidou para vir aqui, mas a Câmara de Vereadores tem que estar dentro das comunidades, e isso a gente faz.

Sou morador de Belém Novo, do Extremo-Sul há 49 anos. Fui gestor aqui da subprefeitura também, hoje é subprefeitura, antigamente era CAR – Centro Administrativo Regional –, era CRIP – Centro de Relações Institucionais e Participativas, e a gente está sempre trabalhando na comunidade. E eu sou um bom defensor das comunidades, é por isso que eu trabalho muito. Mas eu só queria fazer essa fala, Joice, porque a gente trabalhou muito e continuamos trabalhando. E eu acho que todos os vereadores fazem um pouco também, mas tem algumas coisas...

Teve uma fala ali do Barros também que é muito importante, que é um baita de um representante da comunidade, tem que fazer, mas a gente tem que pensar aqui no Guarujá diferente, porque quando o Guaíba sobe, a água vem e não tem como escoar. Nós temos – nós não – temos que trabalhar para uma casa de bombas aqui, para quando elevar essas águas já tirar. E casa de bombas aqui no Extremo-Sul não tem. Para lá tem para fazer o trabalho, e aqui a comunidade sofre.

Também fazer um relato que a praia do Lami, a Av. Beira Rio destruiu totalmente. Ali deve ter umas cinco casas só, está todo mundo desabrigado, foram para casa de parentes. Não sei se vai ter como resolver aquele problema ali da comunidade.

Belém Novo foi muito afetado, praia do Negrinho também; aqui a gente viu, como teve na Zona Norte e as outras cidades também, mas aqui, para pensar em primeiro lugar tem que pegar e investir numa casa de bomba para poder dar dignidade para esse pessoal que mora na parte de baixo do Guarujá. Muito obrigado a todos. Um abraço. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Ver. Gilson Padeiro. Agora passar, então, para o Ver. Jonas Reis

VEREADOR JONAS REIS (PT): Boa noite a todas e todos. Eu sou o professor Jonas, vice-presidente da Comissão de Educação e parabênizo toda a

comunidade, o presidente Giovani e os demais vereadores, Karen, os representantes do governo municipal.

É importante que vocês saibam que a gente não deve vender ilusões. O governo, quando a gente votou algumas coisas na Câmara, já faz quase um mês, falou que ia ser pelo georreferenciamento para as pessoas receberem o recurso. Tem comunidades que até agora não estão recebendo o recurso municipal que é R\$ 1 mil. Nós votamos R\$ 1,6 mil, nós aprovamos, todos os vereadores, e o Melo decidiu pagar só R\$ 1 mil. Isso é importante você saber, ele decidiu guardar R\$ 600,00, e o governo federal dando R\$ 5,1 mil. É pouco? Claro que é pouco, R\$ 5,1 mil é pouco, mas R\$ 1 mil é muito pior. Ou seja, a Prefeitura tinha R\$ 70 milhões e deu de isenção para a Fraport, empresa do aeroporto, mas não tem recurso para fazer habitação de interesse social. Faz sete anos que não tem habitação de interesse social. E daí vem gente aqui, pega o microfone e diz que o governo federal tem que dar casa, mas está na prefeitura com o Melo, com o Marchezan há muito tempo e não fez casa para as pessoas que estão morando na beira do Guaíba. Então de promessa aquele lugar está cheio. Eu não vim aqui fazer promessa, eu quero dizer para vocês que vocês têm que tomar um outro caminho. Vocês têm que entrar com processo administrativo na Prefeitura, com fotografias de como ficou a situação de vocês. Está aqui o Dr. Marcelo que conhece, é advogado e sabe disso. Nós precisamos dessa etapa, Marcelo, processo administrativo e depois processo judicial na Prefeitura, porque é o ente federado. Não interessa quem é o prefeito, isso pouco me interessa, nem vou falar mais do Sebastião Melo, para mim são águas passadas, não move moinho. Nós temos que falar daqui para frente, a Prefeitura de Porto Alegre tem que ter responsabilidade com as pessoas, porque aqui nessa região nunca foi feito macrodrenagem aqui para cima, liberaram um monte de condomínio que produz esgoto cloacal e joga lá embaixo. Cadê a Cristina? Levanta aí Cristina. O esgoto cloacal aqui de cima desce para lá e fica empossado lá, porque não foi feito macrodrenagem, porque não tem bacia de contenção aqui em cima. Como é que se libera novos empreendimentos sem bacia de contenção? Essa é a Prefeitura de Porto Alegre. Por isso que vocês têm que processar, principalmente todo

mundo da baixada aqui do Guarujá, tem que abrir processo administrativo. Quem quiser orientação, pode pegar meu telefone, a Cristina tem, nós vamos dar orientação sobre o processo administrativo e, se a Prefeitura negar, aí vai ser uma vergonha a Prefeitura negar indenização para essas pessoas. Isso eu falo olhando para vocês com tranquilidade, vocês estão aqui representando a Prefeitura. A Prefeitura tem que pagar e indenizar essas pessoas, porque são anos e anos fazendo liberação de empreendimento sem macrodrenagem, aí agora é fácil vir dizer que a água subiu do Guaíba. Poxa, mas como é que a gente não planejou casas de bomba, como é que a gente não planejou a habitação de interesse social, como é que a gente não tira as pessoas das zonas de risco? Aí depois que acontece tudo, as pessoas estão vindo agora pedir material de construção. A Prefeitura vai dar? A Prefeitura tem que ser clara em dizer e não criar esperança. Vai dar ou não vai dar? As pessoas têm que saber o que vai acontecer, nós temos que trabalhar com a realidade. Quantas casas a Prefeitura vai fazer? Porque aqui reivindicaram casas do governo federal, nós queremos saber quantas casas a Prefeitura vai fazer do dinheiro que está no Fundo do DEMHAB, que faz sete anos que não tem um programa próprio de habitação de interesse social. Se cada prefeitura não fizer um pouquinho, cada governo não fizer, não tem como resolver, gente. Então não adianta ter um represamento de demanda. Qual foi a escola nova que abriu aqui? Qual foi o posto de saúde novo que abriu aqui? Qual foi a pavimentação nova, qual foi a macrodrenagem? Porque o grande problema, eu falo desde o primeiro ano, e aí Barros, tu fizeste a sugestão de fiscalização, eu fiscalizo desde o primeiro ano, eu fiscalizo o DMAE, tem 2.500 cargos vagos dentro do DMAE, e é a Prefeitura que tem que responder aqui. Vocês têm que responder para nós por que tem 2.500 cargos vagos dentro do DMAE. Tem que responder isso. As pessoas têm que saber que tem 2.500 empregos que poderiam ter lá para fazer obras na cidade, porque queriam privatizar, vender. Aí veio a enchente e agora, milagrosamente, apareceu o concurso público, três anos e meio depois. Então, sinceramente, gente, nós temos que botar os pingos nos is, vocês têm que ter essas informações. Eu não vim aqui dizer que vou resolver para vocês, porque

vereador não resolve, se eu vier aqui prometer que vou botar emenda impositiva, isso é mentira. Cada vereador tem R\$ 1,5 milhão de emenda impositiva. O que faz com R\$ 1,5 milhão? Nada. Agora a Prefeitura tem R\$ 11 bilhões e resolve dar isenção para os empresários grandes, não são nem daqui, é a Fraport, uma empresa alemã com orçamento bilionário que levou R\$ 74 milhões do IPTU. Qual de vocês aqui ganhou isenção de IPTU? Qual de vocês ganhou, nesses três anos, quatro anos de Melo? Nenhum ganhou isenção de IPTU. Então assim, gente, essa é uma questão que a gente precisa resolver sem ilusões. Nós, da Comissão, estamos aqui para ouvir, para acolher, a gente já fez projetos indicativos, o Giovani, a Karen, estão na mesa do prefeito, é decisão política aonde vai usar o dinheiro da Prefeitura. Eu acho que tem que dizer quanto que vão colocar no Guarujá, quanto vão colocar na Serraria. Tem que dizer, tem que falar em números ou se não vão colocar, se não tem orçamento, se não estão pensando, porque senão a gente fica fazendo reunião, eu fui fazer uma reunião lá no Sarandi, foi Presidente da Câmara lá, nada resolveu aquela reunião no Sarandi. Está na mesma, está na mesma. Então assim, gente, vocês me desculpem a fala, mas eu não posso vir aqui e vender ilusão para vocês.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito obrigado, Ver. Jonas Reis. A Ver.^a Karen Santos está com a palavra.

VEREADORA KAREN SANTOS (PSOL): Boa noite a todos e todas, primeiramente quero saudar a mobilização e a organização da comunidade. A experiência que eu tenho na política é que é isso que traz a visibilidade da mídia e dos políticos, então a organização de vocês vai pautar os próximos passos. Eu digo isso porque esse momento é importante, mas a gente vai ter que seguir fiscalizando junto. Quando cobram a fiscalização da Câmara de Vereadores, a gente está hoje naquela Câmara com uma CPI da CEEE Equatorial instalada, a gente teve uma CPI instalada das compras da ex-secretária Sônia, que está sendo indiciada por mau uso do dinheiro público, a gente tem uma CPI instaurada sobre a Garoa, que foi aquela pousada de contratação do Município

que matou 10 pessoas queimadas, antes um pouco da tragédia, a gente uma tentativa de CPI também em relação ao DMAE, a relação do ex-diretor Alexandre com a MG Terceirizações, relacionada à propina. A gente tem mais de 5 mil contratos no Município para fiscalizar e não são todos os vereadores que fiscalizam. A gente levou o presidente aqui da nossa associação, a gente levou o problema do desmonte do DMAE para o MP, a gente ouviu os trabalhadores do DMAE dizendo que em 2024 há o risco de o DMAE colapsar pela questão dos 2 mil funcionários que estão faltando, mas também pela ingerência de diversos diretores que foram colocados lá pelo governo Melo e que não expandiram a rede e não chamaram a contratação. Então a gente vai encaminhar daqui que o DMAE nos traga um projeto de esgotamento pluvial. Eu tive mais de cinco reuniões, gente, para conseguir esgoto para meio quilômetro de Rua na Fratinga Sassunda, Barro Vermelho. Foi mais de um ano brigando, o engenheiro da SMOI se comprometeu, numa comissão, e conseguimos lá colocar o esgoto cloacal e o pluvial, e agora está faltando o asfaltamento, passei ontem lá. Mas foi com briga, foi com mobilização, foi com os moradores indo na comissão, a comissão indo lá e pressionando, porque o papo do governo é esse, não tem dinheiro. Ao mesmo tempo são milhões de isenção para a Fraport, estava pegando aqui R\$ 50 milhões os devedores de IPTU do Município, a lista grande é do setor imobiliário, Habitasul, setores que têm vários imóveis no Município e não pagam essas contas. Então a gente está vivendo um cenário da crise climática, uma expressão da crise climática, os ciclones, isso vai piorar. Então não é um problema que a gente vai se encontrar agora para dizer o que está precisando mudar, a tendência desses fenômenos climáticos é ser cada vez mais agudos e frequentes, e o nosso inverno mal começou. Isso é motivo de preocupação para nós, e, junto a isso, a crise climática, que é uma expressão do jeito que o mundo está produzindo, o jeito que a gente consome, a nossa forma de se relacionar com a natureza. Isso é um problema de fundo que ninguém está discutindo, e o outro problema é o desmonte do Estado. Um Estado desse tamanho onde tu tens que ficar implorando para ter bota fora e aí ficar tendo que escolher se vai ter bota fora no Morro Santa Tereza, na Farrapos ou no Guarujá,

e tem um monte de gente precisando de emprego. Então por que não botam essas pessoas para trabalhar na poda, na limpeza, no asfaltamento? É uma opção. Isso que vocês estão falando aí, nem eu que sou vereadora sabia, que o Melo está contratando a equipe para limpar as casas. A gente fez uma indicação para o Executivo, mês passado, lá para a Vila Farrapos, mas eu não fiz para a Vila Farrapos, eu fiz para que seja uma política pública de Porto Alegre. E nem à merda este governo me mandou. Mas aqui ele vai e negocia, aqui ele senta com meia dúzia de moradores e diz: “Eu vou fazer”. E no outro dia está fazendo. É injusto e é errado, galera.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADORA KAREN SANTOS (PSOL): E um pedaço da rua, sabe? Isso me indigna, compartilho da indignação, mas eu vou dizer uma coisa: lá dentro daquela Câmara de Vereadores e deste governo, sinceramente, eu não espero nada, mas eu aposto na luta e na mobilização de vocês. E não é só vocês: Farrapos, Liberdade, Brasília. A gente estava com os moradores das ilhas agora, terça-feira, em reunião, mais de cem pessoas lá naquela Câmara. O povo tem que entender que a política não é só votar, e se mobilizar, estar organizado e pautar o orçamento da cidade, não as migalha do Orçamento Participativo. O Melo, ele destinou mais dinheiro para a publicidade dele do que para o Orçamento Participativo, gente, para fazer videozinho de chapéu de palha dizendo que as coisas estão melhorando. A gente tem que entender como é que funciona a política, pena que a outra liderança não está mais aqui, a da ONG, porque não é assim vir pedir para o político e... Tem setores econômicos que estão ganhando muito dinheiro com essa enchente e vão ganhar muito dinheiro com a reconstrução na próxima enchente. Se a gente não entender isso, galera, a gente vai ficar sempre refém do político de plantão. A organização da associação, dos grupos comunitários, para a além de pedir, não é pedir, gente, é orçamento público, é de vocês, é pautar. E como os moradores da ilha falaram: se não vier a compra assistida do governo federal, se não tiver modificação na

portaria, a gente vai fechar *freeway*. No outro dia, o Pimenta sentou com o DEMHAB, e fizeram a modificação nos critérios de laudo que estavam burocratizando o processo. Então, apostar na luta de vocês, isso daqui é um primeiro passo, é uma primeira reunião, e o meu papel aqui, enfim, vou pressionar, porque acho que o DMAE tem que ter um projeto mínimo para apresentar, para a gente conseguir fazer a disputa do orçamento no final do ano. No final do ano, a gente faz o debate da LOA – Lei Orçamentária Anual – do ano de 2025. A gente vota aquilo num dia na Câmara de Vereadores, e aquela galeria lá está vazia, porque o povo não é convidado a participar da discussão dos R\$ 11 bilhões que a gente tem no Município. Aí pelos R\$ 30 milhões ali do OP fica todo mundo se matando. A gente tem que pensar o grande orçamento da cidade, fazer essa disputa do orçamento, para a resolver a questão da drenagem, para isso o DMAE dar uma priorizada num projeto de esgoto cloacal, pluvial para as ruas, podemos chamar uma outra reunião de comissão, para que a gente consiga olhar as plantas, e a gente leve isso a sério. Ponta Grossa, eu estava falando para o Culau, se mobilizou muito no ano passado e está andando. Tem que ter mais mobilização, mas estão andando as obras do Túnel Verde, o reassentamento, o desassoreamento, mas tem que ter pressão, gente. Eu acho que o nosso papel é isto, é chamar reunião: que é que vocês precisam para se mobilizar? Precisam de carro de som, precisam de panfleto, querem cartazes, querem reunião com o secretário? Nosso papel, para além de fiscalizar, é ajudar vocês a lutar melhor e a lutar mais. Mas, sem luta, se só reunião funcionasse, a gente já tinha feito a mudança no mundo. Não é reunião que... Sabe? Reunião é o momento da gente entender os problemas e identificar os nossos inimigos. E deste governo, sendo bem honesta com vocês, eu não espero grandes mudanças, mas vamos fazer o nosso papel, que é luta e fiscalização de perto aí dos órgãos que foram chamados. Estamos juntos!

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, nós vamos passar agora para as representações do governo municipal, mas eu quero, mais uma vez, ter um diálogo honesto com todo mundo aqui. Todo mundo aqui teve

alguma posição na última eleição, seja presidencial, seja para a Prefeitura de Porto Alegre, e as nossas posições, gente, de quem está reunido aqui, não foram as mesmas. Ainda assim, nós estamos aqui numa mesma reunião, porque nós temos problemas comuns a enfrentar. Como eu disse de forma muito honesta a vocês, eu sou, por exemplo, um vereador de oposição ao governo Melo e tenho profundas críticas ao governo municipal. Inclusive, as críticas que tenho, em alguma medida, fizeram com que eu e o prefeito tenhamos uma disputa judicial hoje. Isso não me impede de estar aqui fazendo essa articulação, para que, através desta reunião, a gente possa compreender os problemas e buscar dar encaminhamentos, como vocês falaram, e o próprio Barros insistiu que nós precisamos ter os encaminhamentos e os desdobramentos. Eu entendo que as principais respostas que foram dadas até aqui, ou políticas anunciadas, foram políticas federais, seja o Auxílio Reconstrução, seja o compromisso estabelecido da garantia de moradia. Eu sou alguém que aqui, mais uma vez, para ser honesto com vocês, votou no Lula e fez campanha para o Lula. Isso significa que eu vou ficar de braços cruzados só aguardando a casa de vocês chegar? Ou o Auxílio Reconstrução chegar? Não. Nós precisamos cobrar e juntos lutar para quem tem direito ao Auxílio Reconstrução, esse dinheiro chegue na conta de vocês, porque ele ainda não chegou na conta de muita gente. Vocês sabem disso. A questão, por exemplo, das moradias. O governo federal já abriu inscrição para quem tem prédio, moradia, casa, apartamento desocupado colocar à disposição para o governo federal comprar, e o governo federal repassar para vocês. Quem faz a seleção de quem vão ser os beneficiados é a Prefeitura Municipal. A Ver.^a Karen e o Ver. Jonas Reis trouxeram vários elementos que eu não vou repetir, para não ser repetitivo, mas é isso. Eu acho, por exemplo, que o programa Estadia Solidária, que é uma adaptação do aluguel social, tem sido uma política insuficiente, porque é um recurso pequeno e, para além disso, para tu poderes ser beneficiado, a tua renda precisa ser uma renda *per capita* de R\$ 700. Se tu recebes R\$ 800 por mês, tu já não podes receber o Estadia Solidária. Alguém consegue, recebendo R\$ 800 por mês, pagar um aluguel sem ajuda do governo? Não, né, gente? Mas onde eu quero chegar,

gente? É sempre importante a gente registrar as nossas divergências, mas aqui, para que tenha sentido para vocês e que tenha sentido para mim, nós precisamos ir além disso nesta reunião, porque eu, a Ver.^a Karen e o Ver. Jonas Reis temos a tribuna da Câmara para a fazer a nossa disputa política também. Então, o que é que interessa aqui? A gente conseguir dar desdobramento e dar encaminhamento, certo? O que é que eu queria pedir? Em relação ao DMAE: foi trazido aqui esse tema, diretora Isabel, sobre a limpeza dos esgotos, popularmente também chamados de bueiros. O que a gente pode construir de compromisso sobre limpeza e desobstrução? Tem algo previsto no plano de ação do DMAE? Se não está previsto até aqui, como a gente faz para colocar? Em relação à Secretaria de Habitação: como está a identificação aqui na região das pessoas que perderam completamente as suas casas, em especial, aquelas que estão na beira do Guaíba? Para todo mundo entender, gente, eu sei que é bastante coisa, mas é uma questão importante. São necessários laudos de cada moradia...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Não, é o seguinte: o laudo individual a gente conquistou que não seja necessário nas regiões das ilhas, dos diques e na cabeceira das pontes. No restante da cidade, para que o governo federal cumpra o compromisso que assumiu de garantir moradia para todo mundo, é necessário que a Prefeitura realize um laudo individual da perda da moradia de cada um e cada uma. Então eu perguntei aqui para o DMAE sobre essa questão da desobstrução do esgoto, gostaria de saber da Secretaria de Habitação sobre como está o procedimento de identificar a demanda de cada um e cada uma de vocês aqui no Guarujá e na Serraria, para que a gente possa também, a partir daí, pressionar o governo federal para que a moradia de você chegue. Vocês estão entendendo, gente? Tem uma etapa anterior, que é de mapear, botar na ponta do lápis quem perdeu a moradia e que precisa, por consequência, de uma casa nova. Então eu quero entender como está o

procedimento aqui na Secretaria Municipal de Habitação, para que a gente possa acelerar, acompanhar e fiscalizar.

Em relação à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social muito se falou aqui sobre doações, como está o procedimento de política de assistência social para quem está precisando neste momento? Acho que essa é a pergunta que fica para Secretaria de Desenvolvimento Social.

Aí, gente, para acelerar aqui algumas outras questões, rapidamente, cadê o Barros?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Vamos só combinar o seguinte, vamos primeiro ouvir o governo, porque quando o governo falar, vão surgir novas questões e aí a gente vai ter que abrir uma nova rodada. Então, a minha sugestão é a seguinte... Qual é o teu nome? (Pausa.) Elise. Só quero fazer um apelo que, pela nossa experiência, quando o governo falar vão surgir novas dúvidas, novas questões. Então, depois que o governo falar, se tiver alguma questão ainda, a gente disponibiliza a fala para a gente conseguir encaminhar. Só sugiro que seja depois das falas do governo, porque novas questões vão surgir. Cadê o Barros? O Barros e outras pessoas falaram corretamente que a gente precisa enfrentar as questões imediatas, olhar para o futuro, para que no futuro as coisas não se repitam. Então a nossa luta precisa ser para garantir com que a Zona Sul e o Extremo-Sul de Porto Alegre também tenham um sistema de prevenção de cheias, isso nós estamos falando das casas de bombas e tantas outras coisas que são necessárias. Eu acho que a gente precisa fazer esse debate não só com o DMAE, Isabel, mas também com o governo federal, que também estabeleceu um compromisso em relação ao sistema de prevenção a cheias. Então a minha proposta, Elise e demais, é a gente tirar, ao final, uma comissão para que a gente vá no Ministério de Reconstrução tratar sobre esse tema de garantia de recursos para o financiamento das obras para garantia do sistema de prevenção às cheias também aqui na Zona Sul e no Extremo-Sul da

cidade; que a gente articule e vá, junto com o DMAE, porque eu entendo que esse é um tema municipal, mas que exige a participação federal e é um compromisso que foi estabelecido. Esse é um dos encaminhamentos, Fernanda, que desde já eu queria dar, e a gente pode construir outros, com Defensoria Pública, mutirão sobre o tema dos documentos que tu trouxeste, com a CEEE o encaminhamento dos postes, que tu trouxeste, ver como a gente trata com a Secretaria de Transportes a questão dos ônibus, que está no documento, mas essas são as questões que eu deixo aqui para o governo, e desde já a gente montar uma comissão para ir no Ministério de Reconstrução. Está certo, gente? Então vamos ouvir aqui o governo e depois a gente faz o nosso fechamento.

SR. LUCAS VASCONCELLOS: Maravilha. Obrigado, Ver. Giovani. Eu sou secretário adjunto do Desenvolvimento Social, eu vou dar o retorno das pautas que foram afeitas a essa pasta, os assuntos que têm a ver com esse setor da Prefeitura. Em primeiro lugar, quero agradecer a toda a comunidade que está aqui se dedicando, nesta noite, para estar conversando com os vereadores e conversando conosco, o corpo da Prefeitura, de servidores; agradecer ao Ver. Giovani por ter destacado essas pautas que realmente foram pautas de destaque neste momento da enchente. Pessoal, o que é importante destacar aqui para vocês na questão da área social, eu anotei aqui as questões que vocês falaram do que há de necessidade, vocês disseram que precisa de cesta básica, mas também precisam de outros itens. Eu fiz as anotações aqui para que a gente discuta, dentro do governo, que plano a gente pode fazer para conseguir trazer esses outros tipos de itens. A Prefeitura já vem doando cesta básica, *kit* de limpeza, que é para a limpeza das casas, com vassoura, com material de limpeza, o *kit* higiene, que é para a higiene pessoal, quando as pessoas estão retornando para as suas casas, mas vocês citaram outros tipos de itens que a gente está considerando a partir desse pedido de vocês, e vai dar retorno num próximo momento. É importante falar também, pessoal, em nível de esclarecimento, dos benefícios; respeitosamente, falando sobre a manifestação do Ver. Jonas: o benefício do Estadia Solidária é de R\$ 1 mil; é, sim, R\$ 1 mil

por mês, por até 12 meses. Quando a gente compara, como foi comparado aqui, R\$ 5 mil é mais que R\$ 1 mil? Com certeza é, mas R\$ 1 mil por 12 meses são R\$ 12 mil, e R\$ 12 mil é mais que R\$ 5 mil. É insuficiente? É um valor é para apoiar aquele cidadão que ainda não conseguiu retornar para a sua casa ou que está sem casa, com a casa sem condições de habitabilidade, e esse período de 12 meses é um período planejado, imaginado, para que aí as pessoas possam ter ou a sua moradia definitiva, como já foi dito várias vezes aqui, pelo programa do governo federal, ou que vão conseguir reconstruir, reorganizar a sua casa. Então esse benefício do Estadia Solidária também foi questionado sobre o valor, e a Prefeitura é muito agradecida à Câmara de Vereadores que aprovou o projeto Estadia Solidária no valor de até R\$ 1,6 mil. Por que está sendo pago o valor de R\$ 1 mil? A Prefeitura fez a proposta ao governo do Estado e ao governo federal para compor esse valor, o que é compor? Cada um pagar um pedaço para chegar nos R\$ 1,6 mil; um vai pagar quinhentos e poucos, um vai pagar quinhentos e poucos, o governo do Estado entrou junto e está pagando uma parte do Estadia Solidária, então, desse valor de R\$ 1 mil, parte é o governo do Estado que paga, R\$ 400,00; os outros R\$ 600,00 é a Prefeitura que paga, e o governo federal entendeu que não poderia compor esse valor, então a previsão legal de até R\$ 1,6 mil é dentro da condição de orçamento, e dentro de uma condição de divisão desse valor entre o Município o Estado e a Federação, porque o nosso País é federativo. O que isso quer dizer? Que os estados contribuem para o País inteiro ter dinheiro, e na hora que o Rio Grande do Sul está precisando muito de recurso, quem tem mais recurso é a União, por isso ela que vai fazer esse sistema de moradias, até porque o que a Constituição Federal prevê que, nos casos de calamidade e exatamente nos caso de enchente, quem tem que planejar a segurança e quem tem que fazer ações de segurança é o governo federal. O governo federal está aqui dentro, está trabalhando junto com o governo do Estado e a Prefeitura. O DMAE e o DEMHAB, aqui a nossa área de habitação vão falar do quanto todas as esferas têm se esforçado para alcançar os benefícios e as necessidades que a população está tendo neste momento. Eu quero destacar que aqui também foi

um abrigo que fechou dia 4 de julho, foi um abrigo que chegou a ter perto de 100 pessoas, e destacar também, mais uma vez, aqui o pessoal do CTG, que prontamente aqui acolheu todo mundo. Eu quero agradecer a fala da Elise, mas dizer, Elise, que tu falaste aqui sobre todo mundo que se juntou com a Prefeitura para correr, para fazer os cadastros, eu imagino e tenho certeza de que mais pessoas se juntaram aqui nessa batalha, Elise, agora, dessa última semana, e isso foi muito importante. A gente se esforçou para ter diversos pontos de cadastro, e já faz mais de 60 dias que os cadastros estão acontecendo. Hoje foi o último dia dos cadastros tanto para o benefício do governo federal que é o Auxílio Reconstrução, para os benefícios do governo do Estado e também para esse benefício do Estadia Solidária aqui do Município. Então foi muito importante a organização da comunidade, e, a partir de agora, das 17h, encerrou o cadastramento presencial e até às 23h59min de hoje, quem conseguir fazer pelo seu celular, ainda consegue encaminhar novos cadastros.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCAS VASCONCELLOS: O Registro Unificado pode fazer hoje: quem for fazer pelo celular, até às 23h59min, e quem fez nos presenciais era até às 17h. Diariamente a gente encaminha esses dados para o governo estadual e federal, e é por isso que entra lá em análise; quando vocês veem que entrou em análise é porque a Prefeitura já encaminhou. E a nossa equipe técnica está lá hoje até à meia-noite acompanhando todos esses últimos cadastros para enviar a tempo para o governo do Estado e para o governo federal, porque, a partir de amanhã, eles não aceitam. A gente pleiteou que a gente pudesse mandar segunda-feira, mas não houve essa flexibilização. Então só para vocês saberem que a equipe técnica da assistência social está até à meia-noite de hoje lá, o pessoal que é do computador, encaminhando os cadastros de vocês, que fizeram até às 17h e até às 23h59min, pelo celular. De encaminhamentos, Ver. Jonas, Ver. Giovani, que eu acho que é a parte mais importante aqui, é importante a gente conversar, os vereadores da Prefeitura estão aqui para ouvir vocês, isso é muito importante,

mas outra coisa muito importante são os encaminhamentos que a gente possa fazer. Então, na fala, a primeira de todas, aqui da comunidade, que foi a da Fernanda, a Fernanda pediu um local de retirada de doações aqui no território. A gente tem uma série de entidades hoje cadastradas junto à FASC, que é a Fundação de Assistência Social e Cidadania, que estão fazendo a entrega dos donativos ou dos itens adquiridos pela Prefeitura. Então assim, como que surgiram esses pontos? As entidades que tinham interesse em ser uma base de doação, de entrega de doação, se candidataram e estão entregando. Se não teve aqui foi por que nenhuma das entidades da assistência social daqui se propôs a fazer, mas alternativamente, como alternativa aqui, e já levando para a parte dos encaminhamentos da reunião, a Prefeitura vai seguir fazendo entregas dentro dos territórios. Uma ação que iria começar amanhã, só que amanhã a gente está com alerta da Defesa Civil para chuvas fortes, então não tem como a gente fazer um evento de entrega de doações na Rua para a população ir para a rua, se tem um alerta de chuvas. Graças a Deus, para Porto Alegre não está prevista muita chuva, mas tem um alerta geral do Estado, da Defesa Civil estadual para chuvas. Então a gente não vai começar amanhã, mas a gente vai começar no sábado que vem ações aos sábados para a entrega de donativos dentro das comunidades que estão na mancha, as comunidades mais afetadas. A Serraria e o Guarujá, a Vila dos Sargentos, que a gente tanto fala, são territórios que estão na mancha e foram atingidos. Então, de encaminhamento da parte da assistência, Ver. Giovani, essa ação itinerante que a gente vai fazer, de entrega de donativos aos sábados, a gente está aberto para incluir aqui então a região de vocês. O primeiro sábado vai ser sábado que vem e vai ser lá no Sarandi, mas a gente vai seguir nos próximos sábados fazendo essa ação. A gente está aberto para esse encaminhamento de fazer essa ação de donativos no sábado aqui, porque a gente imagina que é um momento onde a comunidade consegue estar em maior número. O pessoal não está tanto trabalhando, menos pessoas trabalham no sábado e podem vir participar. Então fica de encaminhamento que a gente está aberto para vir fazer essa ação aqui de distribuição dos donativos aqui nessa região.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. LUCAS VASCONCELLOS: É isso que eu acabei de falar, talvez eu não tenha conseguido me fazer entender. A primeira ação seria amanhã, vai ser transferida para o próximo sábado, vai ser no Sarandi. Vai seguir por vários sábados até a gente passar pela maioria dos locais afetados; então fica de encaminhamento, a gente, esta comissão, se sair aqui ou se não outra liderança que queira vir falar conosco, representando aqui a comunidade, para gente incluir num próximo sábado. O único que está definido é o primeiro, dali para frente, a gente vai passar aqui na Zona Sul, no Extremo-Sul, onde foi falado aqui que também foi atingido, lá no Lami. Claro que vai também no Humaitá, na Farrapos, no Sarandi, então a gente vai passar por todas as áreas afetadas. Da parte da assistência, se faltou alguma pergunta, pessoal, eu sou um que vou ficar aqui no fim. Quem quiser falar de questões de benefícios, da assistência, eu fico à disposição aqui no final. Espero ter respondido e conseguido fazer alguns esclarecimentos, muito obrigado a todos que estão aqui nos ouvindo. (Palmas.)

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: Vamos aguardar terminar aqui as falas do governo.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO: A gente faz as respostas aqui e depois acho que vai ter mais uma fala para vocês.

SRA. ISABEL COSTA: Boa noite, sou diretora de operações do DMAE, eu agradeço a participação de todo mundo aqui e eu gostaria de complementar a fala do secretário Lucas em relação à responsabilidade de segurança em relação a enchentes. O sistema de proteção contra enchentes, de cheias, de Porto Alegre, ele vem lá dos anos 1960, ele contemplou desde o Sarandi até o início da Zona Sul. Ele foi construído pelo antigo extinto Departamento Nacional de

Obras de Saneamento. No momento, o que a Prefeitura está fazendo em relação à proteção contra cheias na Zona Sul? Está sendo encaminhado, não sei se todo mundo tem conhecimento aqui, através do Escritório de Reconstrução da Prefeitura, um projeto de viabilidade, um estudo de viabilidade para a Zona Sul de Porto Alegre para a implantação de um sistema de proteção contra cheias na Zona Sul de Porto Alegre. Em relação à limpeza das redes pluviais, em todos os lugares que a água baixou... Infelizmente aqui a Rua Jacipuia, a gente sabe qual é a situação, é uma Rua muito baixa que depende – toda Zona Sul, por não ter o sistema de proteção contra cheias –, depende do nível do Guaíba. Então em todas essas ruas, onde a gente já teve, na maioria delas, o recuo da água, vocês devem ter observado um caminhão grande amarelo que ele fez toda a sucção do material depositado nas bocas de lobo aqui na Zona Sul. Esse material se caracteriza por ser principalmente areia, e a gente vai retornando à medida da necessidade. O Guaíba também variou de nível; em alguns lugares, a gente fez a limpeza e depois o nível se elevou de novo, a gente retornou, fez uma nova limpeza e assim a gente vai continuar fazendo. Fora isso, a gente vai fazer uma varredura também nas redes. A gente está num processo de contratação de caminhões hidro-jato, através do qual a gente vai fazer a revisão das redes propriamente ditas, o jateamento, complementando a sucção que vem sendo feita. Também a gente está fazendo jateamento conforme a necessidade. Em relação ao orçamento previsto para 2024 em execução, referente à manutenção de drenagem, eu vou me restringir à área que eu trabalho, a gente tem em torno de R\$ 80 milhões previstos na manutenção das redes de drenagem. Quando o DMAE recebeu os serviços pluviais do extinto DEP, a gente recebeu as equipes completamente terceirizadas. Então, a gente depende de contratação de mão de obra; dragagem também, tudo é feito através de contratos. Então, só na área de manutenção a gente tem esse montante estipulado, uma aplicação de em torno de R\$ 80 milhões de recursos para manutenção, somente manutenção da rede pluvial.

Outra dúvida que eu vi que surgiu aqui foi em relação à drenagem – que é a rede pluvial – e ao esgotamento, composto pela rede cloacal. A gente tem o sistema

separador absoluto, o esgoto corre por uma certa rede e a drenagem por outra rede. Aqui, no caso, o Guarujá tem o seu esgoto, sim, direcionado para a Estação de Tratamento Serraria. Claro que obviamente pode acontecer extravasamento, então, neste momento, quando a gente é informado, é aberto uma ocorrência, um protocolo no sistema 156, que todo mundo tem acesso, pode ser ou via telefônica, ou via aplicativo, ou pela internet, as equipes são direcionadas para atender as ocorrências que a gente verifica.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ISABEL COSTA: Então, qualquer dúvida, a gente está à disposição.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, só para a gente organizar aqui: a diretora Isabel falou de um dos temas que mais veio à tona aqui, que é o tema da nossa rede de esgoto, de saneamento e de drenagem. Todo mundo prestou a atenção na fala da Isabel? A Isabel mencionou aqui que teve um serviço de limpeza realizado também aqui na região, e de sucção da rede, mas, enquanto tu falavas, Isabel, eu vi algumas pessoas mencionando que não foi feito na sua rua. Então, o que eu quero tentar aqui contigo encaminhar, Isabel, se a gente pode fazer o seguinte: as pessoas, quando a reunião encerrar, virem aqui à mesa, registrarem a Rua em que se referiram que a limpeza não foi feita, para que a gente possa encaminhar ao DMAE, para que a gente possa fazer o agendamento da limpeza na rede em que eventualmente não tenha acontecido. Não sei se tu me entendeste, se me fiz claro, mas, além dos protocolos que são importantes, a gente aproveitar a reunião da CUTHAB para ter o registro desses lugares onde a rede não foi limpa, para a gente colocar no calendário do DMAE. Podemos encaminhar dessa forma?

SRA. ISABEL COSTA: Vereador, é o seguinte: a prioridade foi dada às ruas que sofreram com a inundação, nas quais a água já tinha baixado. A Rua Jacipuia é

um exemplo bem interessante de a gente falar aqui, porque foi uma rede na qual a gente não teve acesso, enquanto a água não baixa, a gente não tem como fazer a limpeza. Então é necessário que haja condições mínimas para a gente fazer essa limpeza.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Isabel, mas eu acho que é um tema simples. Qual é a Rua que vocês se referem, gente?

(Manifestações fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ISABEL COSTA: É, porque é uma Rua que sofreu fortemente com a inundação.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Isabel, só para a gente poder passar para a Secretaria de Habitação, mas a minha proposta: eu imagino que nós podemos encaminhar com condições de a gente registrar essas ruas que têm essa reivindicação de limpeza aqui, na nossa audiência da comissão, e a gente conseguir ter como encaminhamento que essas ruas registradas entrem no calendário de limpeza. Podemos combinar dessa forma?

SRA. ISABEL COSTA: A gente está fazendo também um calendário, que vai ser divulgado, já começou a divulgação semanal das ruas que vão receber limpeza. Como eu falei, tem algumas ruas nas quais a gente precisou retornar, e vai precisar retornar mais e mais vezes. A Zona Sul tem essa questão de ter essa dependência direta com o nível do Guaíba.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Perfeito. Então, para a gente não ficar nesse bate e volta, vamos passar para a Secretaria de Habitação para a gente conseguir evoluir. Mas eu insisto no meu pedido, que a

gente consiga registrar o nome das ruas que reivindicam essa limpeza, para que o governo possa, exatamente, colocar nesse calendário que tu te referes que o DMAE está construindo. Inclusive, naquelas ruas que eventualmente tenha que retornar, fruto da elevação que a gente teve das águas aqui recentemente. Está certo? Passa a palavra à Secretaria de Habitação.

SR. MARCELO MACHADO CARDOSO: Obrigado, Giovani. Boa noite a todos, ao cumprimentou o Ver. Giovani, presidente da Mesa, cumprimento a todos os vereadores; secretário Lucas, Isabel. Meu nome é Marcelo, sou diretor adjunto do DEMHAB, escutei a todos que pediram a fala, fiz aqui as minhas anotações devidas. Um dos temas que o Ver. Giovani comentou, sobre os laudos técnicos, foi feito, no dia 9 de julho, um voo de drone na região de vocês, na Vila do Sargento, na Vila Santina e na Vila Guaíba, em que o DEMHAB, junto com o governo do Estado, esteve na região, com o drone, fazendo um voo panorâmico para possíveis laudos técnicos. Temos duas situações: um laudo seria um laudo do grupo das casas, como um todo, e o outro seria um laudo técnico individual. Foram coletadas as informações e foram enviadas ao governo do Estado, junto com o governo federal. Estamos aguardando o retorno do governo federal, se será feito um laudo em conjunto ou um laudo individual. Então, a questão desse voo, do georreferenciamento, agora, a Prefeitura de Porto Alegre, junto com o DEMHAB, está aguardando o retorno do governo federal. Está, pessoal? Então, o trabalho está sendo realizado, precisamos, agora, do retorno do governo. Eu me coloco à disposição de todos vocês lá no DEMHAB, para aqueles que queiram vir conversar conosco, está? E fico à disposição. Não vou tomar mais o tempo de vocês, eu sei que a pauta está calorosa, eu sei que vocês têm muito a questão de perguntar e, enfim, de saber informações para a comunidade de vocês, então eu me coloco mais uma vez à disposição e muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, olha só, eu sei que está todo mundo com frio, eu também estou, e a gente precisa organizar para conseguir encerrar a nossa reunião. O que eu quero propor aqui? A Elise,

o companheiro aqui de chapéu também levantou a mão enquanto estava havendo as falas, e a Amanda também levantou a mão. Como é que é seu nome? Cláudio? Eu quero pedir o seguinte: que a gente garanta no máximo dois minutinhos para cada uma dessas quatro pessoas, porque ficaram com alguma dúvida, mas que a gente seja rigoroso – dois minutinhos – para que a gente consiga todo mundo se ouvir e finalizar a nossa reunião com os encaminhamentos. Pode ser assim? Vocês é que decidem, gente. Vocês que precisam decidir se a gente abre essa oportunidade ou não. Sim ou não?

(Aqui escência das galerias.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Então, agora a Elise; depois o companheiro de boné; a Amanda; e o Cláudio. Certo? Desta vez eu vou controlar o tempo de forma mais rigorosa, gente, senão daqui a pouco vai todo mundo embora e a gente não termina a reunião. A Elise está com a palavra.

SRA. ELISE RENCH: Eu pequei em não falar na Defesa Civil, falei na Simone – que ela nos ajudou muito no DEMHAB –, falei da Adriana – que nos ajudou com os cadastros –, falei do Edmilson – do DMLU. E esqueci de comentar da Defesa Civil e foi um erro gravíssimo, porque o Evandro ajudou muito a gente, deu a notificação em todas as casas da Vila Santina, todas que deveriam ser vistoriadas foram vistoriadas, a gente recebeu uma doação da Defesa Civil também na terça-feira, um dia após a reunião com Melo. Então, erroneamente, eu não agradei ao Evandro da Defesa Civil. O que acontece? A gente ouviu para poder assimilar, porque está todo mundo junto, está todo mundo querendo estar junto, mas a gente está em lados opostos. Vocês estão com uma fala de órgão, de político e a gente está com a fala de quem passou por isso, de quem perdeu tudo, de quem está precisando. O que é que acontece? Eu queria pontuar também o que o vereador falou, o vereador falou aqui a respeito de que ele fez um voluntariado e que foi julgado por isso. A gente queria muito que um vereador tivesse vindo aqui e se voluntariado pela gente, porque quem salvou morador de

dentro d'água foi morador. Não esteve ninguém aqui para salvar ninguém. Não esteve ninguém aqui. Quem salvou, quem tirou morador de dentro d'água foi morador. Morador carregando morador, morador carregando o que pudesse salvar. Foi isso que aconteceu. Em segundo lugar, aconteceu assim, que tu comentaste sobre a Farrapos, ou sobre alguma coisa, o que é que acontece? A gente não quer falar de ninguém, a gente quer falar do Guarujá. Sabem por quê? Porque lá no Sarandi ninguém falou: "Tem um pessoal lá no Guarujá!" Lá no Humaitá, ninguém falou do pessoal do Guarujá, entendeu? Então, a gente quer falar no Guarujá, a gente não quer falar do assunto geral de Porto Alegre, porque ninguém lá fala no Guarujá. Então a gente precisava falar do Guarujá. Eu preciso concluir, acontece assim ó, eu passei o papel para a Taís, e, no fim, para não assoberbar o horário, a gente acabou pulando, mas a gente queria reivindicar, sim, eu queria falar para o Barros que eu estou com o papel, eu estou com a carta que a gente entregou para o Melo e nessa carta tem a dragagem do Guaíba, nessa carta tem a limpeza dos bueiros, nessa carta tem várias reivindicações, e algumas foram atendidas, como eu comentei no início da reunião. E, sim, existe um macro, mas neste momento, que parece que o que a gente está agradecendo ou o que a gente está grato é pouco; só que para nós, que estamos ali, limpar o terreno é megaimportante. Por isso que a gente não falou, de repente, num projeto federal de chegar alguma casa. Não. Porque a doação da cesta básica está sendo muito importante agora para nós. A gente não está conseguindo pensar no macro porque a gente precisa, sim, da notificação da Defesa Civil ainda, que muita gente já tem e a gente ainda não. Então, a gente ainda está pedindo coisinhas pontuais, que parecem pequenas, mas que para nós foi muito grande o DMLU, foi muito grande o DEMHAB, foi muito grande o cadastro. Entendeu? Por isso que a gente não consegue chegar no macro, porque a água baixou agora, ontem. Enquanto muita gente está falando no macro, a gente está tendo que falar da limpeza do bueiro, a gente está tendo que falar em coisas pontuais, em cesta básica que a gente precisa. Infelizmente a gente não conseguiu chegar no macro ainda. O que acontece? Eu queria pontuar a fala de cada um, que é assim, a gente quer dar a sugestão

de que a gente tenha subprefeitura, porque como Adriana conseguiu olhar para os cadastros agora, a gente tem a subprefeitura, e eu acredito que o Jader está por aí, está aqui, a gente tem a subprefeitura para colocar essas doações para a gente, Lucas, de forma que pudesse atingir a Zona Sul. Porque a gente fala...

(Manifestações fora do microfone.)

SRA. ELISE RENCH: Não, não, não. Ali no registro unificado apareceram as doações agora para a gente. Eu não sei se tu podes me informar do que são essas doações. Doações do registro unificado que apareceram para nós. São do Município? Não, não, não. Eu digo assim, um ponto. A gente pode arrumar um ponto para fazer isso em vez do Mário Quintana, Vila Farrapos, alguma coisa? Porque não tem. Aí eu soube agora que iam colocar no Lami. Lami é Extremo-Sul, continua não pegando a Zona Sul. Entendeu? Nós somos a Zona Sul, se jogar para o Lami, se jogar para o Norte, para o Leste, para o Oeste, não sei para onde, não atinge a gente. A gente precisa de alguma coisa da Zona Sul para doações, um ponto, entendeu?

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Elise, eu vou colocar nos encaminhamentos, está bem? Só que tu já falaste por três minutinhos...

SRA. ELISE RENCH: Tem um outro ponto que aconteceu, que foi falado, que é a respeito do valor do Estadia Solidária. A Eva é uma pessoa que perdeu tudo, ela está em casa de parente, abrigada há mais de dois meses, e ela não pega porque ela é aposentada. Ela é sozinha, era moradora de uma casa que caiu, e ela não pega porque é aposentada e ganha os R\$ 1.412. Entendeu? Então, a gente sabe que é uma solicitação que não é pontual, que tu não podes resolver ontem, mas a gente quer, sim, pontuar a nossa solicitação, entendeu? Porque a gente tem pessoas que recebem aposentadoria que não são atingidas pelo Estadia Solidária. Tem um outro ponto aqui que foi falado, que é a ajuda para quem está abrigando. A Luana chegou a ter 25 pessoas na casa dela. Agora

está com 11 pessoas. Então, a gente precisa desse auxílio. Não sei se algum de vocês, dos órgãos que estão aqui, podem se atentar para isso e é uma reivindicação da gente que pode ser levada, de ter alguma ajuda. Ótimo, Lucas. Então, está bem, gente. Obrigada e boa noite.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Obrigado, Elise. A Elise falou por 6 minutos e 46 segundos, mas é importante ouvir a comunidade. É isso gente. Eu vou ficar aqui até o tempo que for necessário, mas eu acho que a gente precisa cuidar para respeitar o compromisso coletivo de a gente concluir a reunião. Agora o nosso companheiro aqui pode vir, o senhor mesmo. Eu só não entendi o seu nome. Depois a Amanda e depois o Cláudio.

SR. ISIDORO CARVALHO RODRIGUES: Boa noite. Meu nome é Isidoro, eu tenho 86 anos, a minha companheira tem 75 anos, estivemos por 50 dias acolhidos aqui no CTG. A FASC – Fundação de Assistência Social e Cidadania – mandou uma funcionária fazer um cadastro para o José, para um aluguel social. Investigaram a minha vida, investigaram... conseguiram ver que eu ganho um salário mínimo, a minha companheira, um salário mínimo; e o aluguel social não vai sair porque a FASC concluiu que, com o que eu ganho e com o que a minha companheira ganha, nós temos condições de alugar uma casa e nos manter comprando alimentação e medicação. A minha mulher tem prisão alta, doença estomacal, como eu tenho também diabetes, tenho trombose numa perna – eu manco numa perna –, a minha mulher teve o AVC, também manca numa perna. Mas a FASC concluiu que nós não temos direito – para comissão a ouvir – a FASC diz que nós não temos direito, porque nós temos um salário cada um e temos condições de nos sustentar e alugar uma casa para morar. Uma casa que a gente já procurou encontra só em torno de R\$ 1,5 mil a R\$ 2 mil, que condições nós temos? O que a FASC quer dizer com isso? Ajudar? Não. Prejudicar, matar as pessoas, isso que eu a FASC quer, não quer ajudar. Porque, se quisesse ajudar, tinha decidido por um aluguel social. Já procuramos por todo lado é em torno de R\$ 1,5 mil a R\$ 2 mil, como é que nós vamos pagar isso e

como nós vamos nos sustentar, vamos comprar remédio – que o SUS não dá, como não dá para mim, para trombose; não dá para a minha mulher, para o problema cardíaco; não dá remédio para a minha mulher para o problema de pressão alta, o SUS não dá nada disso. Como é que nós não vamos ter condições de sobreviver? Com ajuda de quem? Pela negação da FASC, é para ver como a FASC é ideal e autoritária e ajudante do povo, que faz todo esse esclarecimento. Mandou funcionário diretamente na casa destruída que eu estava limpando para tentar renovar alguma coisa para entrar para dentro de novo, foi lá a funcionária me avisar que a FASC mandou me avisar que eu tenho condições de alugar, fazer um aluguel, ir morar e me sustentar, com tudo isso tudo que nós temos, não temos nada. A casa está lá destruída, tem 15 centímetros das paredes, ao redor do piso, despregada. Nós não temos condições, o que tínhamos perdemos tudo. Temos um fogão, um refrigerador e um armário, só o que sobrou do que nós tínhamos dentro de casa, o resto não temos nada. E a FASC agora nega o aluguel social, não sei por quê. Será certo isso? Não, não é certo. É bom até entrar no Ministério Público contra a FASC pela falta de ajuda social, por que a Fundação de Social e Cidadania tem que ajudar as pessoas e não prejudicar. Muito obrigado.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Sr. Izidoro, eu quero pedir que o senhor fique ao final para a gente acompanhar o seu caso. Eu não sei se o secretário quer fazer algum comentário. A Sra. Amanda está com a palavra.

SRA. AMANDA OLIVEIRA DE SOUZA: Boa noite senhoras, senhores, eu tenho TDH então, se eu não falar coisa com coisa, não deem bola. Basicamente o que a gente precisa aqui? As pessoas: “Ah, quero muito agradecer.” Não, gente, a gente tem que vir aqui para ser a boca da discórdia. A gente tem que trazer aquilo que não está acontecendo, que nem vêm e falam: “ Há separação do esgoto.” Não, tem muitas falhas, senão a gente não teria tanta matéria orgânica, caquinha dentro de casa. Tem outros bairros que, se a gente fizer a mesma

comparação que ficou com a mesma quantidade de água, que o lodo não é igual o daqui fétido, horrível. O que sobrou das nossas casas? Teve coisas que a gente teve que descartar, panelas, porque não dava para utilizar mais devido à tamanha contaminação. Não é assim: “Ah, perdi um roupeiro”. Não, gente, tu não teres talher para comer... Tem gente que não tem a estrutura da casa para voltar, os planos de prevenção aqui na Zona Sul não têm, nós moramos aqui basicamente na beira do Guaíba. Pergunta se tem uma régua de medição para a gente se atentar se a água está próxima, se está subindo muito rápido? O pessoal lá do cais tem, a gente não tem, a gente fica tentando escutar alguma notícia no rádio para ter uma noção de como é que vai ser. Agora até tem aquele *site* da questão do nível do Guaíba, se mexeram e colocaram, mas nem todo mundo tem acesso à internet, às vezes, é um idoso, uma pessoa mais leiga. A gente precisa de ações imediatas, gente, a gente está falando do mínimo que a Constituição Federal diz que a gente tem que ter saneamento básico e esgoto certinho para não estar acontecendo essas coisas, um plano de prevenção. Lá no Humaitá e no Sarandi eles ainda tiveram uma chance, porque eles tinham um plano de prevenção. Quantas vezes eles foram poupados e quantas vezes o pessoal daqui já passou por situações similares, mas essa foi a pior. Aqui a gente não teve nem a chance de, quem sabe, vamos tirar as coisa de dentro de casa. Aqui a água só veio vindo, a gente saiu de barco, a gente deu prioridade para quê? Para cachorro, para idoso. Gente, sexta-feira eu já saí de casa, os meus bichos saíram, eu voltei no domingo com a água na cintura para buscar a roupa íntima que eu não tinha. Peguei o que estava molhado para lavar e secar com secador para tentar usar. Vocês não têm noção do que, aliás, na realidade, vocês têm. Vocês aqui que talvez não tenham noção do que a gente esteja passando e quem, talvez, escutem esse áudio ou chegue algum vídeo. Gente, o que vocês olham nas reportagens não é 1% do que a gente passou. Gente com ferida e o posto de saúde fechado. A gente ia às outras unidades de saúde: “Não, tu tens que procurar outro lugar, aqui não é o teu centro de saúde”. Gente, uma vergonha a Prefeitura de Porto Alegre realmente tem sido muito displicente e não é de hoje, um descaso total conosco. E a gente está aqui realmente para

reivindicar o mínimo que são os nossos direitos, a gente tem nossos deveres, nós pagamos impostos, sim. A gente está reivindicando o mínimo, a gente não está pedindo um favor, a gente está pedindo o que é nosso direito.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito bem, Amanda.

SRA. AMANDA OLIVEIRA DE SOUZA: Obrigada. Desculpa, se eu me alterei, mas...

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): O Sr. Claudio está com a palavra.

SR. CLÁUDIO ANTONIO NUNES DE OLIVEIRA: Boa noite a todos, eu sou morador aqui do bairro Guarujá há 16 anos. Eu sou aposentado da área da educação e, desde 98, eu vinha alertando meus alunos e procurando conscientizá-los de que algo do que aconteceu agora viria a acontecer. Só que eu menti para eles, eu estava profundamente enganado, porque eu falava em coisas para 50 anos, se passaram 25, e elas começaram a acontecer. Então eu peço desculpas a eles e peço a vocês também porque tudo aquilo que foi dito eu endosso em gênero e número, eu concordo, mas acho que precisamos pensar em soluções definitivas para o futuro. Na minha aula, eu falava em três cidades do Brasil que seriam atingidas, hoje eu sei que são sete, e todas eram capitais litorâneas, Porto Alegre não é litorânea, e Porto Alegre hoje está incluída nessas sete cidades. Então do que a gente precisa? De projetos para soluções definitivas para Porto Alegre, e nós temos órgãos – a minha formação é UFRGS e lá tem o IPH, um instituto de pesquisas hídricas. Tu vais lá, tem um monte de cabeça que nós pagamos para eles ficarem lá, pesquisando, que pode nos ajudar em projetos que sejam viáveis, que resolvam esse problema, porque isso vai piorar. Nós tivemos setembro, não fechou um ano, a gente teve de novo bem pior e vem o setembro por aí de novo. Então, eu peço também que a gente pense

em coisas para o futuro, porque a coisa vai piorar, não vai melhorar. Isso é um problema que não é só de Porto Alegre, ele é mundial. (Palmas.)

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Muito bem, Claudio. Gente, eu quero fazer um apelo para a atenção de todo mundo. Eu tenho certeza de que tem inúmeras pessoas que gostariam de falar novamente, mas nós precisamos – não sei cadê a Ver.^a Karen; vereadora, venha aqui me ajudar a encerrar a reunião, viu –, mas eu quero pedir a atenção de vocês para a gente concluir. Acho que é um ponto de partida entre nós a gente entender o seguinte: eu também sou do time de quem acha que só a luta muda a vida. Foram as manifestações que vocês fizeram aqui na região que garantiram que a imprensa olhasse para vocês, que o prefeito se reunisse com vocês e que inclusive nós viéssemos aqui. Então, não tem vereador nenhum, não tem prefeito que substitua a luta do povo, e eu quero poder estar ao lado de vocês nessas lutas. Eu acho que o caso do Isidoro, toda nossa solidariedade, Isidoro; e a Ana, se não me engano, também vive uma situação semelhante. Eu considero que precisa mudar a política de recorte de renda de R\$ 700,00 para o atendimento. Esse é o entendimento que eu tenho. Então, a minha proposta de encaminhamento – e aqui está o secretário adjunto da Assistência Social, que ouviu o relato –, relatos como esses acontecem nas ilhas, acontecem em tantos outros lugares, mas aqui nós estamos falando, como foi dito, do Guarujá e da Serraria. A minha proposta de encaminhamento é que a gente tenha aqui um apelo da busca de uma solução. Lá pela Câmara Municipal, eu acho que a gente precisa encaminhar não só um indicativo, mas a tentativa de um projeto de lei para buscar alterar essas regras para garantir com que Isidoro, Ana e pessoas que precisam desse atendimento não fiquem de fora. Lá pela Câmara Municipal, nós vamos fazer isso: tentar por projeto de lei, tentar por projeto indicativo, mas fica aqui a escuta por parte do secretário municipal de Assistência Social, e eu acho que nós precisamos mudar isso. Eu acho que o encaminhamento da nossa reunião da CUTHAB é reivindicar a alteração dessas regras para que pessoas

como o Isidoro e como a Ana não fiquem de fora. Esse é o encaminhamento número um, na minha opinião.

O encaminhamento número dois, falado agora pelo Claudio e no início também dito pelo Barros e outros tantos, é propor que a gente tenha uma audiência com o governo federal e com o DMAE para a gente tratar das soluções definitivas. Essa é a minha segunda proposta de encaminhamento.

A terceira proposta de encaminhamento, gente, que eu faço aqui, a Isabel pôde ouvir vocês, e eu, mais uma vez, faço um apelo que nós encaminhemos – é o que nós vamos fazer pela CUTHAB – um pedido de providência para que o DMAE faça a limpeza na rede de esgoto onde não foi feita, ou faça a limpeza na rede de esgoto onde precisa ser feita de novo. Eu gostaria, Isabel, que tivesse um compromisso de colocar no calendário. Mas, bom, a população pode ouvir as respostas que tu tiveste a dar neste momento, mas o encaminhamento que nós vamos dar é o quê? Encaminhar um pedido de providência dos lugares onde precisam desse atendimento para que o DMAE possa colocar no seu calendário. Para eu concluir aqui, Isabel, antes da tua fala, então esse é o terceiro encaminhamento.

O quarto, gente, mais uma vez para a Assistência Social, é que a gente coloque aqui o Guarujá e a Serraria nesse calendário, Lucas, de distribuição das doações que a Prefeitura está organizando. Então, colocar nesse calendário aqui a região do Guarujá e da Serraria. Como foi dito, não dá para ir buscar lá no Lami; precisa ter um ponto aqui, e a gente fica com a tarefa, em diálogo com vocês, de, fechando esse calendário, a gente poder comunicar para a população. Karen, ajuda aqui se eu tiver esquecendo de alguma coisa. Então, gente, foram quatro encaminhamentos que a gente deu, quatro ou cinco: um esforço de mudar as regras para que as pessoas possam ser atendidas pela Estadia Solidária, aquelas que precisam, e também colocar vocês no calendário de doações. Esse tema da solução definitiva com audiência com o governo federal em conjunto com o DMAE, o encaminhamento de pedido de providência para a limpeza que foi reivindicada aqui por vocês. Estava faltando, Karen, o tema de quem precisa de moradia. O secretário de habitação fez toda uma fala, secretário Marcelo,

sobre quem perdeu a casa. Neste momento, foi feito aquilo que eles chamam de georreferenciamento a partir de fotografia aérea, etc. e tal. Nós, enquanto CUTHAB, vamos fiscalizar para garantir o desdobramento disso. Se a gente consegue fazer como foi lá nas ilhas, Karen, de não precisar ter laudo individual para que quem está na área atingida seja contemplado. A gente fez isso lá nas ilhas, nós vamos tentar, enquanto comissão, que o mesmo valha aqui para vocês no Guarujá, e, em especial, para quem mora na beira do Guaíba. Então, a gente vai acompanhar isso junto com vocês, e, na sexta-feira que vem, a gente já tem uma reunião marcada lá no DEMHAB. A gente vai incluir a pauta do Guarujá e do Serraria na agenda que nós já temos marcada. Por fim, gente, é muita coisa aqui, muito provavelmente vocês não conseguiram anotar, então o compromisso que eu quero fazer com vocês é o seguinte: no início de agosto, a comissão vai voltar aqui, eu vou voltar aqui, para a gente poder fazer uma prestação de contas para vocês. Porque aqui é uma falação, blá-blá-blá, mas para que a gente possa voltar e fazer uma prestação do que a Câmara conseguiu fazer ou não conseguiu fazer e o que o Executivo, a partir da escuta que fez de vocês, decidiu encaminhar.

Da minha parte, é isso. Estou feliz de estar aqui com vocês, porque, ao estar aqui com vocês, eu estou cumprindo o meu papel de estar ao lado do povo, ainda mais num momento tão difícil como este que a gente segue vivendo na nossa cidade. Da minha parte, vocês vão poder contar, acima de tudo, e sei que não é diferente com a Karen e com o Jonas, com um compromisso de luta. É com o nosso compromisso de luta que vocês podem contar, viu, gente? Então, é isso. Muito obrigado. Se alguém do governo ainda tiver algo a falar, mas, da minha parte, é isso. Obrigado.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SRA. ISABEL COSTA: Então, só para ressaltar, quem quiser vir aqui e se aproximar, a gente vai estar aqui. Como eu comentei no início, essa ação já começou há mais de um mês, é uma limpeza especial pós-inundação nas áreas

que foram atingidas, nas ruas que foram atingidas, naqueles trechos que sofreram com a inundação para remover o material. Então, quem tiver alguma dúvida, quem quiser fazer alguma colocação, informar para a gente quais ruas a limpeza ainda não passou, pode se aproximar.

PRESIDENTE GIOVANI CULAU E COLETIVO (PCdoB): Gente, a reunião foi encerrada. Muito obrigado. Vamos voltar para prestar contas e contem com a gente na luta. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 21h13min.)

TEXTOS SEM REVISÃO